

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE TEATRO

PABLO THOMAZ SILVA

CAROLINA MARIA DE JESUS E O TEATRO: POR TRÁS DO
ESPETÁCULO “DE PENAS E LANTEJOILAS, COM VOCÊS...CAROLINA!”

UBERLÂNDIA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE TEATRO

PABLO THOMAZ SILVA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E O TEATRO: POR TRÁS DO ESPETÁCULO
“DE PENAS E LANTEJOUAS, COM VOCÊS...CAROLINA!”**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, da Graduação em Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.
Orientadora: Prof. Dr^a Mara Lucia Leal

UBERLÂNDIA
2023

Olha pra mim!
Muda essa história.
Para de achar que a gente é destino.
Muda essa história!
— *Mata Teu Pai*, Grace Passô

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a minha família. Primeiramente, quero agradecer minha mãe, a mulher que sempre esteve comigo. Mãe, obrigado por ter feito o possível e o impossível, tanto por mim, quanto pelos meus irmãos e a nossa família. Obrigado por ter me levado no show da Lady Gaga quando eu tinha só 12 anos, obrigado por me olhar e falar que estaria sempre comigo quando eu me assumi gay, obrigado por ter enviado comida várias e várias vezes de Ribeirão Preto pra Uberlândia para que eu pudesse continuar realizando meu sonho. Quero agradecer ao meu pai, que mesmo distante, tentou fazer de tudo pra me ajudar e pra se ajudar. Pai, onde quer que você esteja agora, muito obrigado pelas conversas, pelo apoio, pelo incentivo. Sei que não é fácil pra você, mas eu to aqui pra quando você voltar. Quero agradecer ao meu irmão Aleff por acreditar em mim, às vezes até mais do que eu acreditava em mim. E quero agradecer ao meu irmão João. Você é minha base. Você é o meu sol. Lembro de quando a gente era criança e eu criava histórias pra ler pra você, enquanto a gente brincava de cabana. Sempre eu e você. Lembro de voltar do meu primeiro serviço, e cruzar a esquina da rua de casa e ver você no portão me esperando. João, o amor que eu sinto por você não cabe em mim, não cabe nesse texto e nem se eu quisesse eu saberia explicar. Te agradeço por sempre sempre sempre estar comigo, por sempre sempre sempre ter me apoiado, acreditado em mim. Eu vou tá sempre com você.

Quero agradecer a todas as pessoas envolvidas nesse projeto que fizeram com que um sonho se tornasse possível. Gostaria de agradecer a Diretoria de Cultural da UFU (DICULT) por terem retomado com o PINA e assim possibilitar que esse projeto fosse possível de acontecer. Quero agradecer a Dani e Lorena por terem topado entrar nessa loucura. Obrigado meninas, pelas trocas, pelas conversas, por 1 ano de relação. Quero agradecer a Mara Leal, professora do curso de Teatro da UFU e que foi orientadora dessa pesquisa do PINA e desse TCC. Eu e Mara nunca tínhamos tido uma relação antes, eu nunca havia tido aula com ela, e mesmo assim ela aceitou ser orientadora nesta pesquisa. Mara, muito obrigado por ter acreditado nesse projeto, muito obrigado pelo tempo que passamos juntos primeiro através das telas e depois na sala de ensaio.

Quero agradecer em especial ao Dennys e Matheus. Primeiro ao Dennys por ser meu amigo. Dennys, obrigado pelas inúmeras vezes que você me ajudou a não desistir desse projeto. Obrigado pelas diversas conversas que tivemos na calçada do Banana da Terra tarde da noite quando eu só queria voltar pra Ribeirão e largar tudo, e você me olhava nos olhos e falava pra eu continuar. E ao Matheus, que também posso chamar de amigo. Matheus,

obrigado pelas conversas depois dos ensaios, por também ter me ajudado a não desistir mesmo quando tudo parecia desmoronar. Obrigado pelos rolês de patins que demos por Uberlândia, pelos cafés da tarde e bolos veganos que fizemos.

Agradeço aos docentes da UFU por terem me possibilitado a ter novas visões de Teatro e de mundo. Nem sempre foi fácil, mas trago comigo muitos aprendizados. Agradecemos as técnicas do curso que ajudaram muito nesse processo também; Nina e Létz.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu grande amor, Ronaldo. Juntos, escrevemos o texto dessa peça. Juntos, saímos de Ribeirão Preto e nos mudamos para Uberlândia, uma cidade que não conhecíamos ninguém, e fomos nos aventurar e ver o que a vida tinha para nos oferecer. Juntos, andamos todos os dias durante 4 meses mais de 3 km para ir e voltar da faculdade pois não tínhamos dinheiro pro ônibus. Juntos, fizemos um filme. Juntos, fizemos Pibid e Residência e Estágio. Juntos, moramos há mais de 6 anos. Ronaldo, obrigado por me ajudar a enxergar o melhor de mim. Não foi fácil, não tem sido fácil, mas juntos fazemos com que seja possível. Somos dois homens pretos que se amam. Que contrariam todos os dias as estatísticas. Que escrevem, que pensam, que são criativos, que divergem, que se entendem. Juntos, a gente vai conseguir. Eu sei que vamos.

RESUMO

Este trabalho é um memorial do meu processo de pesquisa e criação do espetáculo “De Penas e Lantejoulas, Com Vocês...Carolina! desenvolvido a partir da vida e obra da multiartista mineira Carolina Maria de Jesus. A pesquisa e a montagem do espetáculo foi desenvolvida ao longo de 1 ano dentro do PINA - Programa de Iniciação Artística, promovido pela Diretoria de Cultura da UFU (DICULT). Na peça, além de ator, participei também da criação da dramaturgia e da produção, e são esses os enfoques deste trabalho. Irei fazer uma análise de quais materiais acessamos para a pesquisa, e posteriormente como se deu a criação do texto cênico.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, Dramaturgia, Espetáculo.

ABSTRACT

This work is a memorial of my research process and creation of the show “De Feathers and Sequins, With You...Carolina! developed from the life and work of the multiartist from Minas Gerais Carolina Maria de Jesus. The research and assembly of the show was developed over a period of 1 year within the PINA - Artistic Initiation Program, promoted by the Directorate of Culture at UFU (DICULT). In the play, in addition to being an actor, I also participated in the creation of the dramaturgy and production, and these are the focuses of this work. I will do an analysis of what materials we accessed for the research, and later how the scenic text was created.

Keywords: Carolina Maria de Jesus, Dramaturgy, Show.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	08
2. OS SONHOS DE CAROLINA, POR PABLLO THOMAZ.....	11
3. ONDE TUDO COMEÇOU.....	13
4. OS ENCONTROS ONLINE.....	13
5. OS ENCONTROS PRESENCIAIS.....	26
6. DE PENAS E LANTEJOULAS, COM VOCÊS...CAROLINA!.....	30
6.1 Cena I - O arco-íris foge de mim.....	31
6.2 Cena III - 1ª Apresentadora.....	32
6.3 Cena V 2ª Apresentador.....	33
6.4 Cena VIII - Repórteres.....	34
6.5 Cena IX - 3ª Apresentador.....	37
6.6 Cena XI - Mãe - Olhos D'água.....	37
6.7 Cena XII - 4ª Apresentador.....	39
6.8 Cena XIII Política.....	40
6.9 Cena XIV - Final - Salve Carolina!.....	41
7. ELE É DE FERRO E EU SOU DE AÇO.....	43
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
9. FONTES E REFERÊNCIAS.....	49
10. APÊNDICE.....	51
10.1 Texto “De Penas e Lantejoulas, Com Vocês...Carolina!”.....	52
11. ANEXOS.....	92
11.1 Imagens de divulgação.....	93
11.2 Processo de pintura do cenário.....	94
11.2 Desenhos feitos por João.....	95
11.3 Croquis dos figurinos.....	96
11.4 Fotos do espetáculo.....	97

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: —*Porque a senhora não faz eu virar homem?* Ela dizia: —*Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.* Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: —*O arco-íris foge de mim.*¹

Carolina Maria de Jesus

1 . APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2021 eu viajava a passeio em São Paulo quando resolvi visitar uma exposição no Instituto Moreira Salles (IMS) que fica localizado na Avenida Paulista. A exposição em questão era sobre Carolina Maria de Jesus. Até este momento eu conhecia Carolina apenas de ouvir falar, e tinha folheado algumas páginas do seu diário mais famoso, Quarto de Despejo, mas nunca me aprofundi sobre sua obra ou até mesmo sua vida pessoal. Era uma terça-feira, me lembro que era um dia chuvoso e eu estava vindo de outra exposição. Eu estava turistando por São Paulo, então quis visitar o maior número de lugares possíveis. O prédio do IMS se encontra no final da Avenida Paulista, é um prédio bem bonito, tem uma arquitetura moderna e até mesmo futurista. Tive que subir alguns lances de escada para chegar até o andar da exposição, o que por si só já valeu o passeio, pois a partir do segundo andar já se tem uma vista da Avenida Paulista. O nome da exposição era *Carolina Maria de Jesus - Um Brasil para os Brasileiros* e acontecia no térreo, 5º, 8º e 9º andares. Quando entrei por aquela porta no 8º andar parecia que um mundo havia se aberto para mim. Um mundo de possibilidades. O desconhecido passava a se tornar conhecido. Nas palavras dos curadores da exposição Hélio Menezes e Raquel Barreto:

Carolina foi uma escritora profícua, uma multiartista, que estabeleceu uma tradição estética e literária de alcance internacional, com reverberações no tempo presente. Uma mulher negra que, apesar de todas as adversidades estruturais e materiais, foi protagonista de sua própria história. E, a partir dela, reescreveu a história de todo um país.²

¹ Todas as citações de Carolina Maria de Jesus respeitarão sua ortografia, assim como nas publicações de seus livros.

² Esse trecho é da exposição “Carolina Maria de Jesus - Um Brasil para os Brasileiros” do IMS, e foi retirado do site da exposição: <https://shre.ink/H6rt>

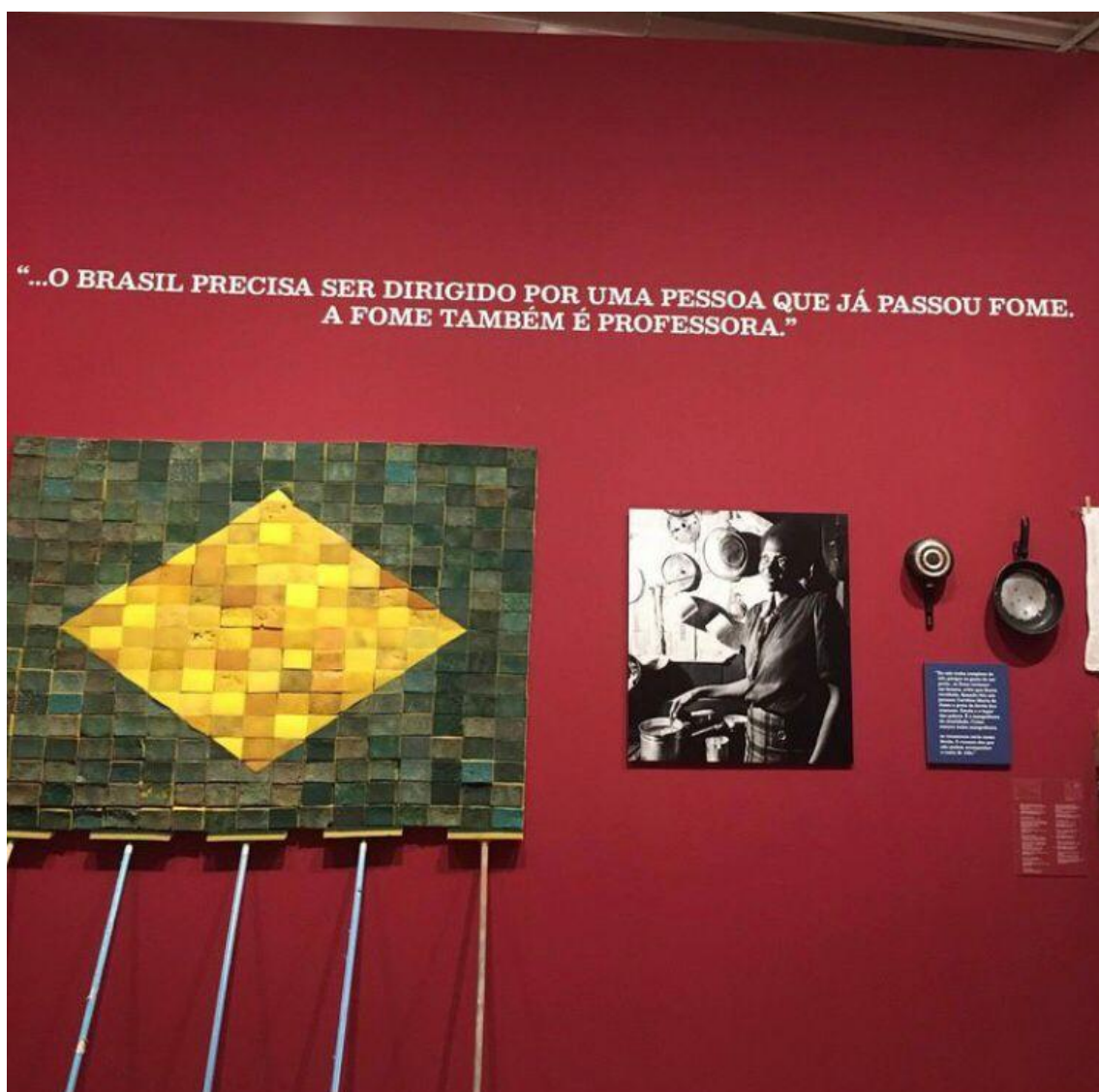
Passear pela exposição me trazia inúmeros sentimentos, como o de felicidade de poder ter contato com algo que até então era desconhecido para mim e o de tristeza por ver que aquela mulher que estava sendo homenageada teve uma vida que passou por tantos desafios. Quando eu saí da exposição fiquei pensando que gostaria muito de fazer algo sobre Carolina no Teatro. Eu precisava contar aquela história nos palcos. Ainda não sabia de que jeito, não sabia quando, mas eu sabia que precisava.

Após 1 mês da visita a exposição foi aberto um edital da Diretoria de Cultura da UFU chamado PINA - Programa de Iniciação Artística, programa que tem como objetivo fomentar o fazer artístico pelos estudantes dos cursos de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. O programa oferecia 16 bolsas de 400 reais durante 12 meses para que os estudantes realizassem uma pesquisa de interesse próprio e ao final mostrar o resultado dessa pesquisa através de uma apresentação artística. Era a oportunidade perfeita para que eu pudesse pesquisar Carolina Maria de Jesus e tentar contar um pouco da sua história no palco. Mas sabia que não poderia fazer isso sozinho, e como eu também tinha o desejo de que mais pessoas participassem comigo nessa pesquisa, foi então que junto com meu namorado, **Ronaldo Bonafro**, que também foi na exposição e também gostaria de pesquisar Carolina Maria de Jesus, pensamos em mais dois nomes para compor nosso grupo de pesquisa: **Daniela Jaine** e **Lorena Chrisan**, mais duas estudantes do curso de Teatro da UFU. Nós não éramos amigos íntimos de nenhuma delas, mas enxergamos nelas uma possibilidade de uma amizade e da construção de algo interessante.

Este TCC é um memorial desse processo de 12 meses e de como chegamos ao resultado final que foi a peça chamada **“De Penas e Lantejoulas com Vocês...Carolina!”** A dramaturgia foi escrita por mim e por Ronaldo Bonafro, a partir da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus. Não foi um trabalho fácil, muitas vezes não foi um trabalho prazeroso, mas foi um trabalho necessário. Pois era importante contar como uma mulher que havia saído do interior de Minas Gerais, morado por 15 anos numa favela de São Paulo trabalhando como catadora, havia se tornado uma das maiores escritoras brasileiras.

Para a pesquisa do PINA nós precisávamos de uma orientadora, foi então que eu pensei na professora do curso de Teatro **Mara Leal**, que também acabou se tornando a minha orientadora neste TCC. Eu nunca havia tido aula com a Mara, mas de todos os professores do curso, eu achava que ela era uma das únicas que poderia orientar esse tipo de pesquisa. Foi ela quem me sugeriu a ideia de que esse trabalho de conclusão de curso fosse um memorial desse processo, e eu acho que é a maneira mais justa de contar como foram esses 12 meses. Irei abordar mais adiante como foram nossos encontros remotos, depois os encontros

presenciais, nossas discussões sobre as obras de Carolina, sobre as obras que escreveram sobre Carolina, e como foi a construção do nosso trabalho cênico, as referências para a construção da dramaturgia, as referências estéticas e todo o suporte que recebemos de pessoas que nem faziam parte do nosso grupo original, mas que foram somando conforme o trabalho ia ganhando forma. Foram muitas pessoas que ajudaram nesse percurso, como **João Buson** do curso de Artes Visuais, **Deborah Rodrigues** do curso de Design, **Matheus Gotti** do curso de Teatro e muitos e muitas outras.



Exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil Para Os Brasileiros. IMS-SP, 2021 (Foto: Pablo Thomaz)³

³ Além da foto da Carolina em preto e branco, na imagem é possível ver algumas obras da exposição. São elas: no canto esquerdo "Bandeira Nacional", obra de 2021, do artista mineiro Desali. A primeira panela ao lado de Carolina é a obra "Entre o alvo e o fogo" de 2019, do artista carioca Mulambö. A segunda panela não tem título, mas é uma obra de 2015, do artista paulista Sidney Amaral.

2. OS SONHOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS, por Pablllo Thomaz.

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914 em Sacramento, Minas Gerais. Foi uma escritora preta, pobre, favelada, mãe solo, catadora. Foi também uma figura importante na história da população negra do Brasil. Semianalfabeta, estudou apenas até o segundo ano do ensino fundamental, na sua cidade natal. Ficou mundialmente conhecida pelos seus diários, especialmente com a publicação de **“Quarto de Despejo - Diário de uma favelada”** na década de 1960. Mas escreveu outros tipos de literatura como romances, peças teatrais, contos, provérbios e poemas. E ainda se aventurou na composição de músicas, que mais tarde viraria um álbum financiado pela mesma. Se mudou para São Paulo na década de 1940 e foi morar na favela do Canindé, local onde residiu por quase 20 anos. A partir daí Carolina começa a relatar seu dia-a-dia nas folhas de cadernos que encontrava nas ruas.

Carolina acordava cedo, como relata em uma das passagens do seu diário: "Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei." (JESUS,1992, p. 18). Ela intercalava sua rotina entre cuidar dos seus três filhos, pegar os materiais recicláveis para venda e assim conseguir dinheiro e escrever. Os seus diários serviam como uma espécie de confidente, era naquelas linhas que ela contava seus segredos, seus sonhos, suas angústias, suas felicidades, suas decepções. O sonho de Carolina era que aqueles escritos viessem a público, ela queria ser uma escritora, chegou a enviar seus escritos para os Estados Unidos, como menciona em uma passagem do dia 16 de janeiro de 1959: “Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra.” (Quarto de despejo, 1992, p 132).

Desacreditada que o seu sonho poderia se tornar possível, Carolina então para de escrever seus diários, ficando aproximadamente 3 anos sem fazer suas anotações. Até que em 1958, incentivada pelo repórter Audálio Dantas, ela retoma a escrita. Dois anos depois o livro é publicado e Carolina finalmente ganha o reconhecimento que tanto buscava. Ela ganha destaque na imprensa nacional e seu livro vira um verdadeiro best-seller, vendendo mais de 200 mil cópias na sua primeira edição. Carolina consegue realizar mais um sonho, que é deixar a favela, e se mudar para o bairro de Santana, na zona norte de São Paulo. Ao mudar de realidade, ao ser convidada para lançar seu livro nos mais diferentes espaços, Carolina

começa a perceber que o mundo das pessoas ricas também não era um lugar perfeito. No seu segundo livro, Casa de alvenaria, a escritora tece alguns comentários sobre essa burguesia, e como ela, Carolina, se mostra insatisfeita em estar escrevendo esse livro: “23 de novembro Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los.” (JESUS, 1961, pg 83). A publicação de Casa de alvenaria não consegue chegar nem perto do sucesso de Quarto de despejo e Carolina acaba caindo no esquecimento do público.

O seu talento como escritora e sua criatividade não foi o suficiente para ser levada a sério e ser respeitada. Carolina se muda para Parelheiros, local onde conseguiu realizar mais um sonho: ter seu próprio sítio. Carolina Maria de Jesus morreu no dia 13 de fevereiro de 1977, deixando um legado imenso para a cultura do Brasil. País esse que não soube admirar toda sua grandeza em vida. Este trabalho tem por objetivo mostrar como foi o processo criativo por trás da criação do espetáculo “De penas e lantejoulas, com vocês...Carolina”. Espetáculo esse que teve como enfoque mostrar as várias facetas de Carolina, para além da visão estereotipada da “escritora favelada”.

3. ONDE TUDO COMEÇOU

Para poder participar do PINA nós tínhamos que enviar um projeto falando sobre o nosso tema escolhido e como essa pesquisa seria realizada. Sempre foi de interesse coletivo tentar trazer para essa pesquisa um olhar mais humanizado para a vida e obra de Carolina Maria de Jesus. Quando se pensa em Carolina, talvez a imagem mais recorrente que possa aparecer no imaginário popular é a imagem de uma mulher negra sofrida, com um semblante triste na frente do barraco de madeira na favela. E essa realmente foi a realidade de Carolina por alguns anos, mas ela teve diversas realidades. O título do nosso projeto foi “Carolina Maria de Jesus: Para além do Quarto de Despejo”. O nosso objetivo enquanto grupo era:

(...) realizar uma pesquisa em grupo e uma futura montagem cênica sobre uma das mais importantes escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus. O projeto pode ser entendido em duas grandes etapas: a primeira etapa seria de pesquisa de materiais sobre Carolina (tanto vida pessoal, quanto suas obras artísticas) e de materiais que dialoguem com a sua trajetória. A segunda etapa, essa mais prática que a primeira, seria montar uma obra cênica a partir dos materiais estudados na primeira etapa. A ideia não é realizar uma peça teatral contando a vida de Carolina Maria de Jesus (assim como já foi feito em 1961 com direção de Amir Haddad), mas sim, a partir dos materiais encontrados e estudados, escrever uma dramaturgia original, ou até mesmo fazer uma adaptação de alguma obra de Carolina. (Projeto PINA, 2022)

4. OS ENCONTROS ONLINE

Nosso trabalho começou em fevereiro de 2022, quando as atividades ainda estavam ocorrendo de forma virtual devido a pandemia do Covid-19. Com o projeto aprovado, e os 4 atores e atrizes sendo oficialmente bolsistas, a pergunta era: por onde começar? E acredito que começamos pelo caminho correto: Quarto de Despejo. A decisão de iniciar os trabalhos de pesquisa pelo Quarto de despejo se deu por um interesse coletivo, e achávamos que seria mais adequado dar um pontapé inicial nos trabalhos pelas próprias palavras de Carolina. Nossos encontros virtuais ocorriam uma vez por semana, então nesse primeiro momento funcionava da seguinte maneira; nós fazíamos a leitura do livro, e no encontro comentávamos as partes que achávamos mais interessante, e assim ao longo dos encontros fomos conseguindo destrinchar o diário de Carolina e fazer a nossa própria análise do livro.

Um dos pontos que mais achamos interessante nessa primeira leitura e foi fundamental para a criação da dramaturgia do nosso espetáculo era a maneira que Carolina abordava diversos temas no diário. Ainda que seu livro tenha ganhado fama pela abordagem que trazia sobre a fome, esse não é o único tema basilar do manuscrito. Em determinado momento, criamos um pequeno documento com algumas frases que destacamos do Quarto de Despejo onde Carolina comenta sobre alguns temas:

19/07/55: As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles.

15/07/1955: Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente.

17/07/55: A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam.

19/07/55: Cheguei em casa, fiz o almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco.

20/07/55: Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado.

17/07/55: Depois que operei fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no carnaval, com minha fantasia de penas.

19/05/58: ...Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa.

23/06/55: Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações.

11/05/58: A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia.

Assim como a exposição do IMS, que tinha como objetivo mostrar toda a pluralidade de Carolina, eram frases como essas e momentos como esses em Quarto de Despejo e nos outros livros da autora que nos fizeram enxergar uma outra Carolina; uma mulher atenta a sua realidade, atenta às questões políticas do seu tempo, uma mulher de amores, uma mulher de angústias, uma mulher que gostava de cantar e amava escrever. A paixão pela escrita e o

desejo de ser lida foi algo que nos marcou e também foi importante para a criação da futura peça.

Um dos primeiros materiais audiovisuais que nós tivemos contato foi com o curta-metragem dirigido por Jeferson De⁴ (2003) e estrelado por Zezé Motta como Carolina e Gabrielly de Abreu como Vera Eunice, sua filha. Esse filme foi lançado no ano de 2003 e traz Carolina em seu barraco escrevendo, enquanto é possível ouvir o som da água fervendo na panela. O filme ainda conta com algumas imagens de arquivo de Carolina na época em que deixou a favela, após a publicação do seu primeiro diário. Foi a primeira vez que tivemos acesso a imagens em vídeo de Carolina, e como foi bom ver se movendo uma pessoa que até então nós só tínhamos lido. Nas imagens, a escritora está se mudando para sua casa nova, assinando livros, tomando café e andando pelas ruas de São Paulo. Nessas imagens é interessante notar como Carolina era vaidosa, utilizava de vários colares, brincos e estava com o cabelo crespo na maioria das vezes à mostra. Diferente das imagens mais divulgadas da autora, nas quais ela aparece geralmente com um lenço na cabeça e com um semblante triste. Quase no final do filme, algumas palavras são projetadas no corpo de Carolina e Vera, recurso visualmente muito bonito.

O primeiro texto sobre a obra de Carolina que tivemos contato nesse primeiro momento da pesquisa foi “PERCURSOS DE UMA POÉTICA DE RESÍDUOS NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS”, de Rafaella Fernandez⁵ (2008), que tem uma vasta pesquisa sobre Carolina Maria de Jesus. No texto, Fernandez faz uma abordagem sobre as diversas influências que a escrita de Carolina tem a partir de suas próprias referências. Rafaella vai falar como a obra de Carolina, aqui nesse caso os diários, é marcada por hibridismos e mescla diversas referências literárias bem como a reportagem, romance e o diário. Nas palavras de Rafaella:

Uma literatura híbrida, como a de Carolina, possui um caráter multicultural marcado pela mistura de estilos de várias épocas, por fronteiras lingüísticas que favorecem movimentos interculturais e desterritorializados, e também gera incertezas devido às relações biculturais na qual esta inserida: um amálgama do universo culto e do universo iletrado. Desse modo, Quarto de despejo é uma obra que expõe a fenda entre dois mundos: o da totalidade e o dos restos, o mundo burguês que idealizava e a sobrevivência no

⁴ É Possível assistir ao curta-metragem através desse link: <https://vimeo.com/174292663>

⁵ Raffaella Andrea Fernandez é bacharela e licenciada em Ciências Sociais (CNPq / 2004) pela UNESP de Marília.

universo infeliz da favela, o uso do português formal e do português falado na favela. (FERNANDEZ, 2008, p. 127)

Este termo "poética de resíduos" foi fundamental para o nosso trabalho, pois a partir dele que tivemos a ideia de reunir diversos materiais e diversos gêneros teatrais para conceber nosso trabalho cênico.

Nos nossos encontros semanais online, além de discutir as leituras, sempre levávamos algumas referências sobre o que a leitura nos despertou, ou de que forma alguma música se relacionava com a obra de Carolina. Me lembro de levar para um dos encontros o nome de Buchi Emecheta⁶, pois nessa mesma época tive contato com sua obra. A história de vida pessoal de Buchi se assemelhava de alguma forma para mim com a de Carolina, e naquela época eu gostaria de ter relacionado um pouco mais essas histórias. Um outro nome que surgiu também como uma referência foi de Elza Soares, cantora e compositora brasileira. Elza foi figura importante para a cultura nacional e internacional, além de ter sido uma mulher preta que também passou por momentos de extrema pobreza e fome, assim como Carolina. Uma outra referência, só que essa mais estética, foi de Afrofuturismo, nas palavras da professora da UNB Kelly Quirino (2020, s/p), "esse movimento (afrofuturismo) é uma maneira de repensar a representatividade da cultura negra e africana, através da história, filosofia e da arte com elementos da fantasia e da ficção." Esses nomes serviam para nós como uma espécie de acervo, para que pudéssemos retornar a eles num futuro próximo quando os encontros presenciais chegassem e nós começássemos a criar nossa dramaturgia.

Após finalizarmos a leitura de "Quarto de Despejo", iniciamos o segundo diário publicado por Carolina "Casa de Alvenaria". Aqui é importante ressaltar um ponto: nós realizamos a leitura da primeira versão de "Casa de Alvenaria", publicada em 1961; atualmente existem versões mais atualizadas e ampliadas, principalmente da Companhia das Letras que dividiu o livro em dois volumes, que são "Osasco" e "Santana", que foram os dois lugares onde Carolina morou após sair da favela do Canindé. Casa de Alvenaria começa com Carolina ainda na favela, em maio dos anos 1960, sem dinheiro para comprar açúcar para fazer café. Carolina assina o contrato com a livraria Francisco Alves para a publicação de Quarto de Despejo, e ganha o dinheiro por isso. Ao longo das passagens, Carolina vai relatando que vários repórteres de várias emissoras de rádio, televisão e jornal estão indo a sua casa na favela para entrevistá-la, ela chega a ir assistir a uma peça de teatro: "Rapsódia

⁶ Florence Onyebuchi "Buchi" Emecheta foi uma escritora nigeriana radicada em Londres. Buchi escreveu várias peças de teatro e uma autobiografia, além de livros para crianças. Fonte:

<https://shre.ink/HRO5>

Afro-Brasileira”, apresentada pelo grupo Teatro Popular Brasileiro, de Solano Trindade. Em Agosto de 1960 “Quarto de Despejo” é publicado. No fim do mês, Carolina deixa a favela. Ela faz um relato sobre como foi esse processo de mudança e todo o caos que isso gerou na favela:

Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mechido nos meus livros. Xinguei-os. Os repórteres iam chegando para filmar a minha saída da favela. O João não estava. Ele subiu no telhado e caiu e feriu a perna. Foi para a Central de Polícia fazer curativo. A D. Alice disse-me que os filhos da D. Juana estavam mechendo nos livros. Que confusão! Mesmo com a confusão eu estava contente. Era a concretização de um sonho. Os repórteres fotografavam e filmavam. A D. Alice auxiliou-me a carregar os cacarecos. Entreguei-lhe o barracão e entramos no caminhão. Eu e os dois filhos, porque o João não estava. O motorista estava agitado. A Meyri surgiu e disse: — Vê se não esquece dos pobres. A Leila surgiu andando com dificuldade. Veio para instigar os favelados. O motorista partiu com a máquina acelerada. Começaram a atirar pedras. A Leila agitou-se, pegou pedra e atirou dentro do caminhão. Eu olhava as pedras e a direção com receio de atingir os olhos da Vera e do José Carlos, que já estava ferido com as pedradas. Que confusão! Eu não sei de onde surgiu tantas pessoas para presenciar a minha partida. A Chica e a Nair xingavam-me e diziam : — Você vai embora para não apanhar! Eu disse-lhe: — Estou aqui há 12 anos e você nunca espancou-me. Pode espancar. Eu vou residir em Osasco. O meu endereço é Rua Antônio 'Agü. 833. O Audálio queria que eu despedisse dos favelados pegando-lhes nas mãos, gesto que eu reprovei. ... As vizinhas de alvenaria olhavam-me no caminhão acenando as mãos. Mas eu vou sentir saudade só da D. Isaltina. Que portuguesa boa! Ela dava comida e roupas para os meus filhos. O motorista seguia. Eu ia contemplando a Rua Araguaia, a rua que eu percorria para catar papel. A rua do frigorífico que nos dava carne. Passamos na Rua Pedro Vicente e seguimos para a Estação da Luz. Um senhor que nos olhava perguntou: — Isso é despejo? — Não. Não é despejo, eu estou saindo do quarto de despejo. Sorri achando graça na coincidência. Eu não estava triste. O jornalista que foi telefonar voltou, entrou no caminhão e zarpamos. Eu estava com sono e ia pensando na delícia que ia gozar de poder deitar e dormir sem ruídos, sem a voz ebria do Adalberto. Conversava com os jornalistas, contava as ocorrências da favela. Eu olhava os meus filhos e com os rostos feridos pelas pedradas dos favelados. Era preciso sair da favela. ... (DE JESUS, 1961, p. 46-47)

Carolina só foi deixar a favela em agosto de 1960, fato que me deixou um tanto quanto chocado enquanto eu realizava a leitura dos seus diários, visto que ela e o repórter Audalio Dantas⁷ se conheciam há pelo menos mais de 2 anos. Em Casa de Alvenaria, Carolina vai relatar inúmeras vezes alguns descontentamentos que ela tem em relação a Audalio, principalmente pelo tipo de tratamento que ela vinha sofrendo por ele. Como eu disse acima, a versão que nós lemos do livro foi a primeira versão, publicada justamente por Dantas, porém atualmente com as versões mais atualizadas, como a da Companhia das Letras, surgiram novos trechos que mostram um pouco mais do tipo de relação que Carolina e Audalia mantinham, e que tinham sido cortadas por ele na publicação de Casa de Alvenaria. Como mostra uma matéria da Folha de São Paulo, lida na época dos estudos online da nossa pesquisa, Carolina diz: “Até as minhas cartas ele abre. Isto é ousadia. Isto é falta de educação. Começo a desgostar. Quando o branco auxilia o preto transforma o desgraçado em escravo”⁸ O intuito da matéria é revelar alguns trechos que foram suprimidos das primeiras versões, e esse é um dos trechos que não constam. Essa relação entre Carolina e Audalio foi tema das nossas discussões e seguiu até as construções das cenas da peça.

Após a leitura de “Quarto de Despejo” e “Casa de Alvenaria”, foi o momento de nos dividirmos para apresentações de Seminários: cada pessoa iria realizar a leitura de uma obra de Carolina, para que assim pudéssemos ter um contato ainda maior com seus livros. A divisão ficou da seguinte forma: Daniela ficou com o livro “Provérbios”, Lorena com o conto “Onde Estaes Felicidade?”, Ronaldo com o romance “Pedaços da Fome” e eu fiquei com o livro de poemas “Antologia Pessoal”. “Provérbios” foi um livro publicado pela própria Carolina, com um prólogo escritora pela mesma que dizia o seguinte:

Espero que alguns de meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão. Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gotas, já que nus é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência. (DE JESUS, s/d, p. 4)⁹

⁷ Audalio Dantas foi um jornalista brasileiro, um dos responsáveis pela publicação de Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria.

⁸ Trecho retirado da matéria da folha de São Paulo:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/08/relançamentos-de-carolina-de-jesus-mostram-tens-ao-com-jornalista-que-a-revelou.shtml>

⁹ Esse livro não tem data de publicação.

Quando Dani foi nos apresentar esses provérbios, ela seguiu o que já estávamos fazendo desde o início da pesquisa e montou alguns slides e os separou por temas. Foi um passo importante, pois deu continuidade a nossa ideia de trabalhar com temas abordados por Carolina em suas obras. Irei colocar abaixo os provérbios que Dani separou, com os temas que ela escolheu:

RACIAIS

- O homem que cultiva o ódio racial é um imbecil.
- O sábio não discrimina a côr. Mas as ações.
- O preconceito racial é próprio dos medíocres.
- O valôr do presidente Kennedy, foi não ser racista.

POLÍTICOS

- Os que servem a pátria visando grandes remunerações, são os câncer do país.
- Um govêrno que tem, a possibilidade de servir melhor o seu povo, e não serve-o, não é um govêrno, é governante. É babá do país.
- Quando um govêrno deixa o custo de vida oprimir o seu povo, êle deixou de ser um govêrno concreto para ser um govêrno abstrato.

FINANCEIROS

- Um sábio pobre criticado pela turba. Um rico estúpido é aclamado.
- O imbecil gasta dinheiro fazendo guerra. O vate gasta dinheiro construindo escolas.
- Não devemos confiar no dinheiro, confiar na cultura.

VIDA

- Que jornada cansativa é a vida.
- As ações concretas tem muito mais valôr do que os discursos banais.
- O mundo modifica para os que reagem.
- Os que se iludem com as aparência, as vêzes tropeçam num abismo.

Já “Onde estaes Felicidade?” é um livro publicado em 2014 através da editora “Me Parió Revolução”, com organização de Dinha e Raffaella Fernandez, e contém um conto inédito de Carolina intitulado “Onde Estaes Felicidade?”, uma escrita autobiográfica que precede “Quarto de Despejo” com o título de “Favela” e mais 7 ensaios de outros autores/as sobre Carolina Maria de Jesus. Segundo as organizadoras, em “Favela”, Carolina:

[...] apresenta com pormenores os impactos das mobilizações políticas contra a expulsão de habitantes dos cortiços, primeira morada dos migrantes que chegavam à “cidade da garoa” nos anos de 1940, até a sua própria entrada no Canindé, em uma das primeiras favelas que surgiram a partir do processo de deslocamento, para fora do centro de São Paulo, desse contingente de excluídos. (DINHA e FERNANDEZ, 2014, p. 12)

Nosso enfoque foi no conto, para que pudéssemos ter contato com outros tipos de literatura da autora. O conto “Onde Estaes Felicidade?” tem 3 protagonistas: Maria da Felicidade, José dos Anjos e o caixeiro viajante. Felicidade e José dos Anjos vivem um romance lindo e florido, até a chegada do caixeiro viajante. Todos os dias, o viajante ia visitar Felicidade e levava presentes para a moça. O coração de Felicidade fica dividido entre o viajante e José dos Anjos. Felicidade acha errado deixar José sozinho, apesar dos inúmeros convites do viajante para os dois irem embora juntos. Até que um dia, o viajante surge com a ideia de Felicidade se fingir de louca. E assim ela fez.

A casa estava numa desordem horrível. Felicidade pôs os travesseiros em cima do fogão as panelas em cima da cama. Pôs as cadeiras de pernas para o ar. Carregava água e jogava na estrada que não era calçada e dizia eu quero deixar a casa bem limpa. Esfregava com a vassoura e dizia vêja como a casa esta bonita os curiosos paravam para olhar. Felicidade lhe atirava água. (DE JESUS, sem data).

O viajante então surge se passando por um médium, que promete a José que irá levar Felicidade para “curar” a moça. Felicidade e o viajante então vão embora. Após anos

esperando a amada voltar, José dos Anjos resolve ir atrás dela em hospícios, chegando nos locais ele sempre pergunta se alguém viu a Felicidade, e as pessoas respondem: “Meu filho! A Felicidade nunca passou por aqui. Os que aqui residem são todos infelizes.” José nunca encontrou Felicidade. Ficava na porta de casa, esperando-a voltar, e às vezes bradava:

– Onde estaes Felicidade?

Já o livro “Antologia Pessoal”, que foi publicado em 1996, reúne alguns poemas de Carolina, com organização de José Carlos Sebe Bom Meihy, que também escreve o prefácio. Nos dois primeiros diários publicados de Carolina ela já havia mostrado alguns trechos de seus poemas, e desde então nutria em mim a vontade de ler mais esses poemas, por esse motivo resolvi escolher esse livro para ler e compartilhar com o grupo. Carolina discorre sobre diversos temas em seus poemas; política é um dos mais recorrentes. O poema que abre o livro intitulado “Dr. Adhemar de Barros”, prefeito de São Paulo no final da década de 50. A maternidade também é um tema bem abordado nos poemas:

SAUDADES DE MÃE

Oh! meu Deus quantas saudades

Da minha infância ridente

Não conhecia a degradingolada

Que atinge a vida da gente

Era criança não pensava

Que existia o sofrimento

Os brinquedos me fascinavam

A todos os momentos

Quando a aurora despontava

Eu rodava o meu pião

Aos meus colegas eu contava

Estórias de assombração

Hoje, é bem triste a minha vida

Porque não vivo contente

Estou distante esquecida

Longe dos meus parentes.

Um dia deixei minha terra

Minha mãe e o meu irmão

Mas, não sabia que era

Eterna separação.

Foi muito interessante poder ter contato com um tipo de literatura que as pessoas geralmente não estão habituadas a associar quando se fala em Carolina Maria de Jesus. Teve um outro poema que me chamou bastante atenção, e compartilhei com o grupo:

FESTA DOS BICHOS

Escuta e presta atenção	Precisam me respeitar
Na estória que eu vou contar	
A cobra e o rei leão	E que o macaco implicante
Amavam-se e iam casar-se	Começou a criticar
	Dizendo que o elefante
A cobra estava elegante	Era feio pra dançar
Seu vestido que beleza!	
O tigre e o elefante	O macaco não obedeceu
Eram os serventes da mesa	E continuou a insultar
	Ele é maior do que eu
Ouriço e D. Onça	Mas não dá pra começar
Da noiva eram os padrinhos.	
Com ouriço ninguém dança	O lobo chamou o veado!
Pois tem medo dos espinhos	É melhor irmos embora
Urso cantou uma canção	O macaco está embriagado
O macaco respondeu	Vai ter briga, não demora
O sapo fez o refrão	A discussão deu em nada
Diz que a terra estremeceu.	E a festa continuou.
	Mas veio uma chuvarada
O elefante ficou zangado	Por isso o baile acabou.
Nervoso, não quis dançar	
Eu aqui sou delegado	

O outro seminário que realizamos, esse feito por Ronaldo sobre o romance publicado pela própria Carolina intitulado “Pedaços da Fome”, título alterado pela editora, pois Carolina escreveu o livro com o nome de “A Felizarda”. Essa alteração no nome da obra foi mais uma tentativa de associar a imagem de Carolina à pobreza e à fome, pois o título não faz jus à

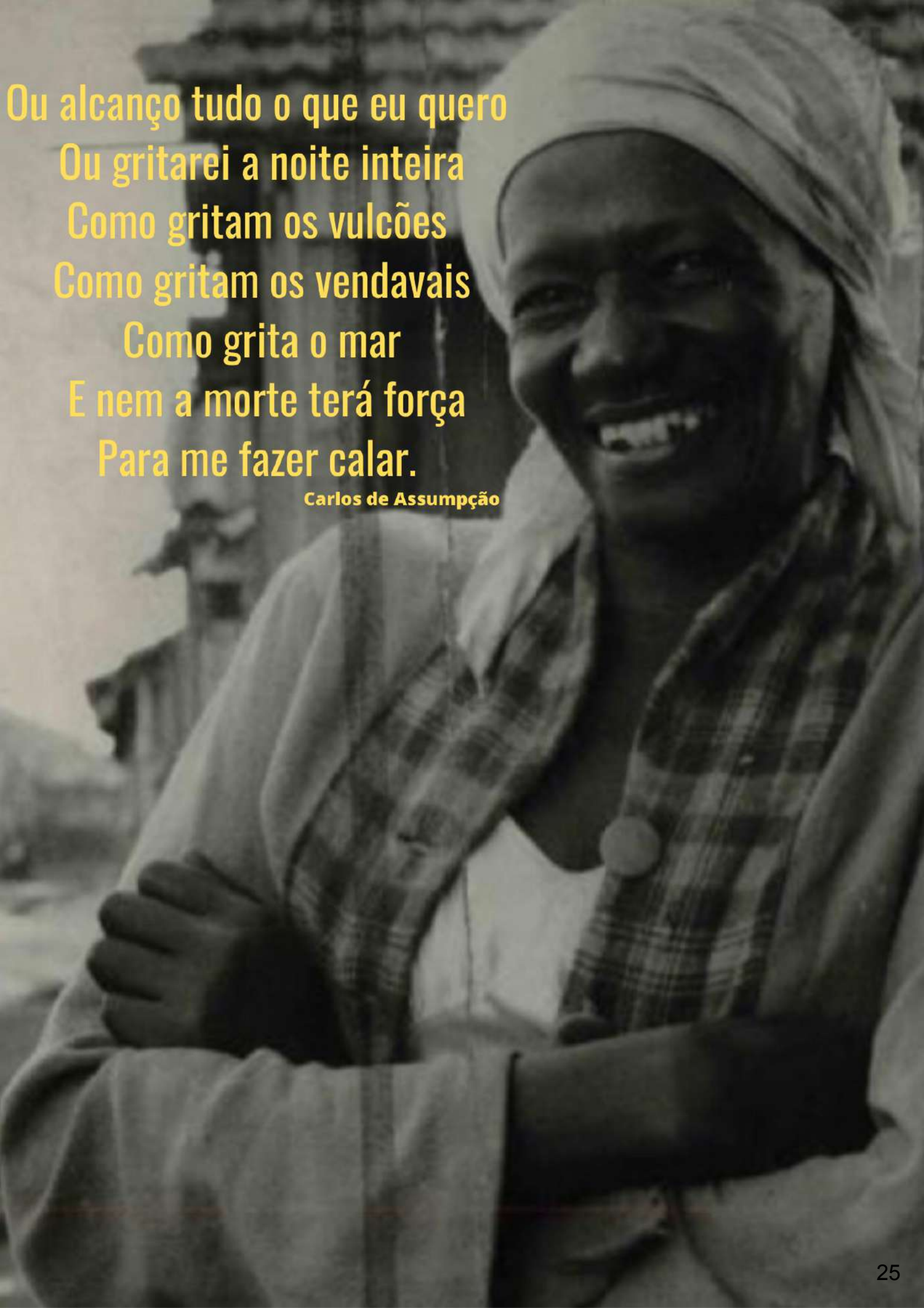
obra. O romance é bem melodramático, e Patrice Pavis vai definir o gênero da seguinte maneira:

A partir do final do século XVIII, o melodrama, passa a ser um novo gênero, aquele de uma peça popular que, mostrando os bons e os maus em situações apavorantes ou enternecedoras, visa comover o público com pouca preocupação com o texto, mas com grandes reforços de efeitos cênicos. As personagens, claramente separadas em boas e más, não têm nenhuma opção trágica possível; elas são poços de bons ou maus sentimentos, de certezas e evidências que não sofrem contradição. Seus sentimentos e discursos, exagerados até o limite do paródico, favorecem no espectador uma identificação fácil e uma catarse barata. As situações são inverossímeis, mas claramente traçadas: infelicidade absoluta ou felicidade indizível; destino cruel que acaba ou se arranjando (no melodrama otimista) ou que permanece sombrio e tenso, como no roman noir; injustiças sociais ou recompensas feitas à virtude e ao civismo. (PAVIS,1996 p. 238-239.).

O livro foi publicado em 1963, é ambientado em uma fazenda próximo a capital de São Paulo, onde moram o Coronel Pedro Fagundes junto de sua mulher Virgínia e a filha do casal Maria Clara. Maria Clara vivia uma angústia de achar que os homens não se aproximavam dela por ser filha de coronel, e ela nutria uma curiosidade de viver um grande amor. Até que um dia, entra na história Paulo Lemes, e ele e Maria Clara se encontram e começam a viver um romance clandestino na fazenda, e se mudam para a capital paulista. Paulo dizia para Maria Clara que era um dentista, porém ao chegar em São Paulo, Maria Clara descobre que ele não passava de um pobre impostor. Ao descobrir a mentira, a mocinha passa a morar em um quartinho junto de Paulo, e pela falta de emprego e com 3 filhos, a família passa a viver na rua. Enquanto isso, a autora Carolina faz uma regressão na história para contar o que aconteceu com o coronel e Virginia nesse tempo: de tanta tristeza pela falta da filha, Virgínia acaba adoecendo e morre. O coronel mobiliza toda sua fazenda e segue para São Paulo em busca de sua filha. Ele passa a frequentar os lugares da elite, na esperança de encontrá-la. Já cansado, Coronel está em uma rua e vê uma moça pedindo esmola junto de seus filhos, comovido pela situação, ele ajuda a moça com algum trocado. E quando está indo embora, a moça, que na verdade é Maria Clara, percebe que é seu pai que a deu o dinheiro. Os dois se reencontram em uma cena clássica de melodrama. Ao rever o coronel, Paulo toma

um susto tão grande que acaba indo a óbito. Coronel e Maria Clara retornam para a fazenda onde a mocinha vive um “feliz para sempre”. Nas palavras de Maria Clara, ao rever suas joias: “Obrigada papai! É ao lado do senhor que devo dizer: — sou uma felizarda.” (DE JESUS, p. 215. 1963)

Ler essas outras obras de Carolina traz novas dimensões; é possível conhecer uma Carolina pouco divulgada, é possível conhecer a Carolina mãe, a Carolina sambista, poetisa, a Carolina política.. Antes de conhecê-la, eu conhecia a mulher pobre e favelada. Depois de ler Quarto de Despejo, eu conheci a escritora que denuncia, que critica, que reflete. Em Casa de Alvenaria, a sonhadora. A mulher que viajou o Brasil. Que falou com e para os brasileiros e as brasileiras. Que conseguiu finalmente sua casa. Saiu do quarto de despejo. Foi pra sala de estar. Nas outras obras, conheci a escritora do impossível. Carolina não se limitava. Hoje é muito comum as pessoas falarem sobre “caixinhas”, que a gente não deve se colocar nelas. Muito antes disso, Carolina já era assim. Quando queriam ela com o lenço, ela soltava o cabelo. Quando queriam ela triste na frente do barraco, ela sorria. Quando queriam calar sua voz, ela escrevia. Esse primeiro momento online foi muito importante para mim, e tenho certeza que para minhas colegas também. Ainda tem algumas outras obras, tanto da Carolina quanto de outras pessoas, que tivemos contato e que foi de extrema importância para a pesquisa, no entanto irei falar delas mais adiante quando comentarei mais detalhadamente nosso processo de criação do espetáculo. Os nossos encontros presenciais começaram em maio. E aqui termino o relato dos encontros online, que ocorreram no início de 2022.



Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar.

Carlos de Assumpção

5. OS ENCONTROS PRESENCIAIS

Conforme a pandemia do Covid-19 ia amenizando, os encontros presenciais começaram a se tornar algo cada vez mais recorrente novamente. E foi nesse momento que voltamos para a faculdade, após mais de 2 anos em casa. Era Maio de 2022 quando finalmente nos encontramos de forma presencial pela primeira vez. E como foi boa essa sensação de pisar novamente naquele espaço. Ver aquelas pessoas. Ficar tanto tempo dentro de casa deixou sequelas que até hoje são difíceis de distinguir. Mas naquele momento isso tinha ficado pra trás. Agora estávamos juntos e juntas. Nesse primeiro momento, nossos encontros aconteciam todas as sextas-feiras, de forma semanal. Nosso objetivo ainda era pesquisar mais, antes de ir para a criação de cenas.

Me lembro que nessa época eu havia começado a ler um livro muito por acaso, que eu tinha pegado na biblioteca de Ribeirão Preto, e nem imaginava que esse livro iria servir de ótimo disparador para a nossa pesquisa. O livro em questão era “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon (2020). Não conhecia a obra de Fanon. Assim como não conhecia a obra de Carolina. Mas vi o livro dele na biblioteca, achei o título interessante e peguei para ler. Era uma daquelas leituras despreziosas, que vinha por acaso. O prefácio do livro, ao menos dessa edição que eu li, foi escrito pela portuguesa Grada Kilomba. E foi justamente esse prefácio que fez as coisas fazerem ainda mais sentido para mim. O título do prefácio é **“FANON, EXISTÊNCIA, AUSÊNCIA”**. Nesse prefácio, Kilomba relata um momento da vida dela quando sua professora disse para ela ir até sua casa que ela tinha um livro para entregar para Kilomba. Nesse momento, ela faz uma espécie de explicação desse conceito de ausência para ela:

Este princípio da ausência, no qual algo que existe é tornado ausente, é uma das bases fundamentais do racismo. As obras de Frantz Fanon existem, mas são ausentes, e por isso deixam de ter existência real. O existente passa a ausente e deixa assim de existir. (...) O princípio na qual quem existe deixa de existir. E é com este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a branquitude a norma nacional. A norma e a normalidade, que perigosamente indicam quem pode representar a verdadeira existência humana. (KILOMBA, in FANON, 2020, p.1-4)

Eu li esse livro antes de começar essa pesquisa. Na época, esses trechos nos quais Grada fala sobre ausência fez total sentido para mim. Quando iniciamos a pesquisa no começo de 2022, eram essas passagens que ficavam ecoando na minha cabeça. Compartilhei com o grupo esse conceito que a Grada traz no livro. Era isso que Carolina representava para mim no momento; algo que estava ausente e que havia se tornado presente. Não só para mim, mas para grande parte da sociedade. Já que houve um espaço de tempo no qual a obra de Carolina parou de ser publicada no Brasil, e só retornou nos anos 80 com a publicação póstuma de “Diário de Bitita”. Obra que ainda se encontra ausente em muitos lugares. E assim como Carolina começava a se tornar presente para mim e para o restante do grupo, nós queríamos que sua obra deixasse de ser ausente para as outras pessoas também. Esse foi um dos pontapés iniciais da nossa criação cênica.

Como nós já tínhamos algumas referências das obras de Carolina, o passo seguinte era começar a elaborar a nossa peça. Nos nossos primeiros encontros presenciais continuamos com a mesma estrutura dos encontros online; nós líamos ou assistimos algo e comentávamos no encontro. No começo desse texto mencionei que uma das referências que eu levei para o grupo foi de Afrofuturismo, e era um desejo comum do grupo que a nossa peça de alguma maneira fosse ambientada em um futuro, e foi dessa maneira que chegamos em um possível mote central da nossa peça: um programa de televisão no futuro. Essa ideia de programa de televisão surgiu por conta dos vários programas de televisão que Carolina começou a participar após a publicação do seu primeiro diário, surgiu também como uma maneira de referenciar o Teatro de Revista, gênero teatral que teve origem na França no século XVII e ficou bastante popular no Brasil no século XX, e Carolina era uma grande fã desse gênero teatral, e por fim tínhamos como vontade trabalhar com a ideia de programa de televisão para falar sobre o sensacionalismo da mídia, tanto aquele que a Carolina sofreu na época, quanto o sensacionalismo que ocorre nos dias de hoje, principalmente praticado por apresentadores brancos contra pessoas negras. De modo geral, foi a partir disso que começamos a elaborar e estruturar a nossa peça. Num primeiro momento, tentamos montar pequenas equipes que ficariam responsáveis por diferentes áreas dentro do projeto, como dramaturgia, visualidades, produção.

Além dessa ideia de um programa de televisão, nós gostaríamos de trabalhar com temas diversos no espetáculo, assim como Carolina faz em suas obras, sejam elas ficcionais

ou não. Um dos membros do nosso grupo, Ronaldo, tem uma afinidade maior com a escrita dramaturgica e foi ele quem trouxe a nossa primeira proposta de cena. A cena em questão se passava no antigo barraco onde Carolina residia na favela do Canindé, e era dividida em dois momentos: um era com uma Carolina que recebia a visita do pai da sua filha Vera Eunice, e o outro era com uma Carolina que recebia a visita de um cigano. O título da cena era “Amores de Carolina”. Foi aqui que tudo começou. Carolina não aborda com muita frequência e nem profundidade suas relações mais amorosas, mas quando o fazia era tudo muito singelo, com muito afeto. Carolina realmente contou em “Quarto de Despejo” sobre a época na qual ela se relacionou de forma breve com um cigano que morava na favela. A relação que os dois tiveram foi rápida, mas importante para Carolina. Importante ao ponto de ela relatar no diário. Carolina também fez vários relatos sobre o pai da Vera, mas ela não colocou o dele no diário. Ela dizia que era um homem rico, que não a ajudava financeiramente. Foram essas relações que Ronaldo trouxe para a cena, que continham esses personagens: duas Carolinas, o cigano e o pai da Vera.

Essa foi a única cena da nossa peça durante um período, e isso foi importante para que pudéssemos pensar qual seria o tom das outras cenas. Ela contém falas da própria Carolina, retiradas dos seus diários, e outras criadas por Ronaldo. Após alguns ensaios, Ronaldo achou que seria interessante adicionar uma música nessa cena, foi então que ele resolveu colocar como proposta a canção “Quem assim me ver cantando” do álbum “Quarto de Despejo” lançado por Carolina Maria de Jesus em 1961.



Além de sempre querer ser escritora, Carolina queria cantar também. Foi então que em 1961 ela gravou seu álbum com composições inéditas. O álbum foi lançado pela gravadora RCA Victor e contém 12 faixas.¹⁰

¹⁰ É possível ouvir o álbum através do site do Instituto Moreira Salles: <https://radiobatuta.ims.com.br/playlists/carolina-maria-de-jesus-canta>



Fomos para a sala de ensaio em meados de Junho/Julho. Os nossos ensaios aconteceram semanalmente dentro do bloco 3M da Universidade Federal de Uberlândia na sala Ana Carneiro. Essa sala é utilizada para as aulas do curso de Teatro e também é muito utilizada para as apresentações que ocorrem no bloco. Todos os nossos ensaios nesta sala ocorreram mediante agendamento prévio. O que nós tínhamos quando fomos para os ensaios eram: o local onde a peça ia ser ambientada (um programa de televisão no futuro) e a cena que o Ronaldo escreveu (Amores de Carolina). Como supracitado, era desejo do coletivo trabalhar com uma narrativa de temas nessa peça, pois como havíamos lido muita coisa da Carolina e sobre a Carolina e foram inúmeros os temas levantados ao longo dessa pesquisa, acreditávamos que dividindo a nossa peça em temas conseguiríamos realizar uma abordagem mais fiel de como tinha sido nossa pesquisa. Lembrando que essa pesquisa fazia parte do Programa de Iniciação Artística (PINA), portanto era previsto no edital que ao final desse quase 1 ano de pesquisa todos os bolsistas teriam que realizar uma apresentação artística referente às suas pesquisas.

Como mencionei acima, foi Ronaldo quem trouxe a nossa primeira proposta de cena, e ficamos ensaiando essa cena por um período. Isso acabou levando mais tempo do que havíamos imaginado. Nós chegamos a comentar de tentar montar pequenas equipes para a divisão de tarefas, porém devido a outras demandas isso não foi possível. Até que em determinado momento resolvi me juntar a Ronaldo e assumir também essa função de dramaturgo do projeto. O que no final deu certo. Essa nossa junção resultou em um texto teatral inédito, dividido em 14 cenas.

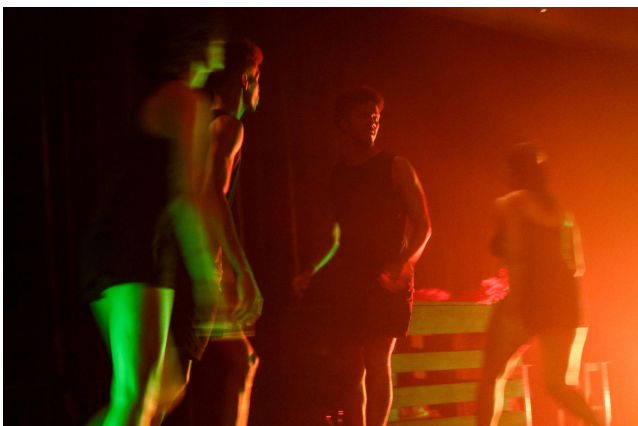
Ter um programa de televisão como um pano de fundo da nossa peça era uma vontade do grupo pois queríamos falar sobre o sensacionalismo da mídia. Então a partir desse programa de televisão (que se passava no futuro) foi que surgiu a ideia de ter um apresentador carrasco. Fomos buscar referências em diversos apresentadores (novos e antigos, brasileiros e estrangeiros) para conseguir construir esse personagem. Queríamos fazer um apresentador narcisista, que estava mais interessado na audiência do que nos convidados. Que gostaria de saber mais das fofocas da vida pessoal de quem ele estava entrevistando, do que dos trabalhos que aquela/a convidado/a tinha para apresentar. Além disso tudo, com esse programa de televisão era de interesse coletivo mostrar situações desconfortáveis as quais pessoas negras são submetidas (aqui nesse caso na televisão) em prol do entretenimento de outras pessoas. Uma das entrevistas que nós assistimos foi da Whitney Houston em um programa de

televisão francês no qual ela é entrevistada junto de uma outra figura pública.¹¹ Na ocasião em questão o outro entrevistado, assedia Whitney com palavras (dizendo que quer f*der com ela) e depois começa a passar a mão no cabelo dela. Whitney está visivelmente incomodada e toda a situação é tratada como uma grande brincadeira pelo programa e pelo público presente.

Com essa ideia do programa de televisão que se passava no futuro, desse apresentador sem noção, com os temas que fomos levantando ao longo da pesquisa sobre Carolina e com uma cena do espetáculo já escrita, eu e Ronaldo partimos para a construção dramática da nossa peça. O processo de escrita do espetáculo “De Penas e Lantejoulas, Com Vocês...Carolina!” fluiu de maneira bem natural, Ronaldo e eu escrevemos todas as 14 cenas dentro da biblioteca da UFU, utilizando dos computadores que a própria universidade oferece aos estudantes. Conforme nós escrevíamos as cenas, nos nossos ensaios semanais com o restante do grupo nós realizávamos a leitura das cenas feitas e pontuávamos algo que precisava ser alterado. O texto completo da peça está em forma de apêndice deste memorial, para a leitura de quem se interessar. Aqui, eu irei fazer uma abordagem das cenas que escrevi, além de comentar sobre os outros processos da peça que contribuí com a produção.

6.1. CENA I - O ARCO-ÍRIS FOGE DE MIM

Eu sempre imaginei um começo mais poético para esse trabalho. Algo que tivesse algum tipo de relação com a poesia que a Carolina colocava nas suas obras. Sempre gostei muito de recursos sonoros em peças, então tive a ideia que a peça poderia iniciar com uma trilha de fundo. A trilha escolhida foram três músicas da banda de Salvador BaianaSystem: “Invisível”, “Melô do Centro da Terra” e “Redoma”. Utilizamos a versão instrumental das duas últimas músicas, e por cima dessa trilha adicionamos um texto de Carolina Maria de Jesus, lido por mim, Dani, Lorena e Ronaldo:



Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: —Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: —Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris

surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: —O arco-íris foge de mim. (DE JESUS, 1993, p. 46)

Enquanto o áudio tocava, nós corríamos pelo palco em busca desse arco-íris. Mara sugeriu que essa corrida tivesse início na velocidade 5 e fosse aumentando gradativamente até o 10, ou seja, até o seu máximo¹².

6.2. CENA III - 1ª APRESENTADORA

Essa é a primeira cena na qual a apresentadora desse programa de televisão aparece. A nossa ideia coletiva era que todos os atores e atrizes iriam fazer essa personagem. Quem ficou com essa primeira cena foi a Dani. É nessa cena que o nome do programa é falado pela primeira vez: BRAZIL 2100. Uma referência ao nome do programa “Brasil 60” apresentado por Bibi Ferreira. A cena é uma entrevista com um coletivo de artistas que vai ao programa divulgar o trabalho mais recente deles: uma peça sobre Carolina Maria de Jesus. O coletivo é composto por 4 artistas: José dos Anjos, Felicidade, Pedro Fagundes e Maria Clara. Os nomes desses personagens são todos nomes de personagens das obras de Carolina. Para essa cena, era um desejo coletivo que ficasse evidente a personalidade dessa apresentadora. Então, eu escrevi uma cena na qual a apresentadora está muito mais interessada em saber das fofocas da vida desses personagens, do que do trabalho mais recente deles. Nessa cena a apresentadora está constantemente interrompendo os artistas convidados, se mostra extremamente abusiva, e em determinado momento ela chega a exotizar o corpo negro.

Como todos iriam interpretar esse apresentador, foi acordado em grupo que cada pessoa trouxesse alguma referência de algum apresentador ou apresentadora que tivesse essas características que nós buscamos imprimir para esse personagem. A maneira como a Dani construiu essa figura foi fenomenal. Ela utilizava de algumas improvisações que só acrescentaram para a cena. Essa cena levou mais tempo para ser feita, pois como era a

¹² É possível ouvir o áudio através desse link:
https://drive.google.com/file/d/1aaXGIG1X8DAx0PmqBdVcexugfBFS2CRN/view?usp=drive_link

primeira cena do programa, ela precisava dar o tom que as outras cenas iriam ter. Então foi preciso um cuidado maior com essa cena.

6.3. CENA V - 2ª APRESENTADOR

O responsável por essa segunda versão do apresentador foi Ronaldo. A cena inicia com o apresentador falando um texto de forma muito sincera. Ele fala direto para a plateia. Ele quer que essa mensagem chegue para todos e todas. O texto que o apresentador está falando tem uma conotação de discurso, desses que as pessoas geralmente dão em eventos ou manifestações. Quando o apresentador toca na palavra racismo, ele é interrompido por uma voz da produção, falando para tentar deixar o texto “mais amplo”. No final da cena, descobrimos que na verdade esse texto não passava de um merchandising de um produto para alisamento de cabelo. Enquanto eu realizava a escrita dessa cena, eu estava lendo a peça “Infância, Tiros e Plumas”, do dramaturgo carioca Jô Bilac; e nessa peça tem uma personagem que é uma miss mirim, e enquanto ela está num voo para os Estados Unidos ela diz um texto extremamente séria e sincera, um texto que tem uma pegada ultra progressista, e esse texto é interrompido pelo segurança dela. Então, descobrimos que na verdade não passava de um ensaio de um discurso caso ela vencesse o concurso de miss nos EUA. Foi a partir da leitura dessa peça, que surgiu a ideia de criar essa cena dessa maneira. Nessa cena, o apresentador está muito interessado em vender o produto para alisamento de cabelo, a *straight hair*, e por conta disso ele está pouquíssimo interessado no que os outros personagens têm a dizer. Na cena, o apresentador chega a questionar se os convidados não achavam que Carolina deveria ter investido a sua carreira apenas na escrita de diários. Esse foi um questionamento que aconteceu de verdade na época em que a Carolina publicou seu romance, “Pedaços da Fome”. O romance de Carolina não vendeu tão bem quanto os diários, e o público começou a perder o interesse por ela e suas obras. No final da cena, José dos Anjos diz que a próxima cena que o grupo vai apresentar é uma adaptação do romance de Carolina. O apresentador interrompe e volta a vender o produto.

6.4. CENA VIII - REPÓRTERES

Um dos temas que gostaríamos de trabalhar era a fama de Carolina na época. Com a publicação do primeiro diário, ela ficou muito famosa. Cada passo que ela dava era noticiado pela mídia. E nos diários ela relata diversas entrevistas que concedeu, para inúmeros veículos de imprensa. Não muito diferente da atualidade, parte da mídia era ultra sensacionalista e invasiva com ela. Tiveram diversas matérias de jornais e revistas que tentavam vender sempre a imagem de pobre e favelada de Carolina. A imagem que a grande mídia da época veiculava dela eram em geral imagens que atrelaram Carolina à pobreza e a miséria, raramente imagens que enalteciam sua beleza e inteligência. Para escrever essa cena fui atrás de reportagens da época sobre ela. A cena VIII inicia com diversos flashes de câmeras, e depois aparece uma projeção com o título “Literatura não tem cor”: em 1961 Carolina Maria de Jesus participou de um evento literário chamado Festival do Escritor Brasileiro. Ela era a única escritora negra presente. Na época, o jornal O Cruzeiro fez a cobertura desse evento e na matéria só cita o nome de Carolina apenas uma única vez, em uma foto na qual a escritora aparece ao lado de uma vedete e atriz da época: “Literatura não tem cor. A loura Rosângela Maldonado (Chamas do Desejo e Tormentos do Passado) com a escritora favelada de Quarto de Despejo”.

Voltando a cena, após os flashes Carolina aparece usando um vestido feito por ela mesma, e um chapéu que também foi customizado pela própria. Ela está indo para a estreia de um espetáculo que fizeram em sua homenagem.¹³ Prestes a entrar no teatro, ela é abordada por 3 repórteres que a bombardeiam com perguntas. No início as perguntas são sutis, como quando ela irá lançar o próximo diário, e ela responde que seu próximo livro será um romance.

¹³ Em 1961 estreou uma montagem teatral de Quarto de Despejo com Ruth de Souza vivendo Carolina e direção de Amir Haddad. Carolina foi em alguns ensaios da peça e na estreia.



Foto 1: um dos ensaios da cena VIII. Foto 2: Registro da apresentação.



6.5. CENA IX - 3ª APRESENTADORA

Como nós tínhamos a ideia de cada cena do apresentador tivesse um formato diferente da outra, para essa cena resolvi criar um quadro intitulado “Você pergunta e eu respondo”. A ideia desse quadro é bem parecida com quadros já existentes em programas de tv e até mesmo em canais de Youtube, no qual os telespectadores enviam perguntas ao programa e os convidados respondem. A primeira pergunta, que aparece em forma de áudio, é de um telespectador que está querendo saber como faz para descobrir se seu filho é gay. Antes do áudio terminar, o apresentador interrompe e fica um pouco desconcertado. A ideia com essa primeira pergunta era mostrar como esse apresentador é preconceituoso, e nesse caso aqui, homofóbico. Uma curiosidade: quem gravou o áudio dessa pergunta foi meu irmão mais novo, João. A segunda pergunta, essa sim sobra a Carolina, é de uma telespectadora que gostaria de saber se não era melhor a Carolina Maria de Jesus ter se casado. Essa pergunta surgiu pois Carolina comenta algumas vezes em seus diários os motivos que a fizeram não ter tido um relacionamento, e era comum a mídia da época trazer isso à pauta, perguntando se ela não iria se casar, ou até mesmo criando relacionamentos dela com outros homens.

6.6. CENA XI - MÃE - OLHOS D'ÁGUA

Era meados de Julho de 2022, eu sentia que a gente já estava caminhando para um possível final para a peça. Eu sabia que a gente tinha um bom material em mãos, o texto que havíamos criado até então fazia jus a nossa pesquisa. Eu tinha ido pra minha cidade fazia um pouco mais de 1 mês. Eu estava com saudades de casa. Saudades da minha mãe. E aquele sentimento de saudade precisava virar cena. Eu pensava nos poemas da Carolina, em que ela falava sobre essa saudade de mãe. Pensava nos seus diários, nos vários relatos que ela fazia sobre seus filhos, sua dificuldade em criá-los na favela e fora dela. Eu sabia que precisava fazer uma cena sobre maternidade. Só não sabia como. Nesse processo de escrita da peça, eu e Ronaldo passávamos várias horas na biblioteca da UFU, escrevendo e pensando. Muitos dias eu sentava na frente do computador e não conseguia escrever uma linha sequer. Só escutava música. A música me fazia pensar. Eu gosto de escutar Tuyo nesses momentos. E eu escutei bastante nessa época. Foi num desses dias de música e vasculhando um pouco a internet que encontrei um livro de contos da Conceição Evaristo, escritora mineira que eu

conhecia por nome. O livro se chamava “Olhos d’água”, nome de um dos contos que fazia parte daquele coletânea. Lembro de três contos deste livro: “Quantos filhos Natalina teve?”, “Di lixão” e “Maria”. A escrita de Conceição me tocou de uma forma que há tempos algo não me tocava assim. Enquanto estou em um processo criativo, e aqui nesse caso um processo criativo de escrita, gosto de ler outros materiais para que assim surjam novas ideias e inspirações. Eu ainda estava com o tema “MÃE” na cabeça. Foi então que depois de ler esses contos, resolvi ler o primeiro conto do livro “Olhos d’água”. E tudo mudou. Eu tinha achado. Tinha achado o que eu queria falar. Tinha achado a maneira de falar de amor, saudade e cuidado de uma forma que eu não conseguiria escrever. Mas Conceição conseguiu. No momento em que eu li esse conto, eu sabia que ele tinha que virar uma cena. E tinha que ser cena ele do jeito que ele era. Em forma de conto. Levei para o grupo como proposta de cena, imediatamente se emocionaram e toparam. A única questão é que por ser um conto, ele era um pouco longo para ser uma cena. Então fiz alguns cortes no texto. Conceição e Carolina têm muitas semelhanças. Ambas negras, mineiras, escritoras. E poder juntar as duas em uma obra teatral era uma realização pra mim.

“Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.” (EVARISTO, Conceição. 2016, p. 13)



Nós na cena “Mãe - Olhos d’água”. Foto: Julia Selva

6.7. CENA XII - 4ª APRESENTADOR

Essa cena se passa enquanto o programa BRAZIL 2100 está no intervalo. O apresentador começa a cena falando com a produção, explicando que não vai dar para continuar a entrevista com os convidados. O motivo? baixa audiência. Para essa cena a nossa ideia enquanto grupo era de trabalhar com o descaso. Os convidados, Pedro Fagundes, Felicidade José dos Anjos e Maria Clara, são avisados de forma desrespeitosa que suas participações no programa estão sendo encerradas. No lugar, o apresentador anuncia que vão receber uma nova escritora que está bombando; Annie de Palma (personagem fictícia). Como essa é uma cena que acontece fora do ar, o apresentador está muito mais afiado nas respostas, e os convidados sem entender nada. Com essa cena queríamos mostrar o sensacionalismo, pois depois de encerrar a participação dos convidados, o apresentador propõe pegar alguma polêmica da Carolina Maria de Jesus e fingir que é de um deles. Tudo em prol da audiência. No fim da cena, o apresentador cede à pressão dos convidados e os deixa apresentar a última cena.

6.8. CENA XIII - POLÍTICA

Esse é um dos temas mais abordados por Carolina em seus diários. Trabalhar com o tema “política” era um interesse coletivo desde o começo da nossa pesquisa, ainda nos encontros online. É preciso contextualizar: essa cena foi escrita em 2022, ano de eleições presidenciais no Brasil. Então eu sabia que as pessoas iriam ter inúmeras leituras quando vissem essa cena. A cena é um casamento entre o povo e o político. A ideia de “casamento” entre políticos e o povo foi feita por Carolina em “Quarto de Despejo” e depois ela volta a fazer uso dessa metáfora em “Casa de Alvenaria”:

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (DE JESUS, 1992, p. 33)

Espero que o governo eleito colaborê com o povo, porque os nossos políticos só interessa pelo povo nas campanhas eleitorais. Depois divorciam-se dos humildes. (DE JESUS, 1961, p. 37)

Para essa cena reuni várias referências, tanto musicais quanto textuais, trazidas pelo grupo para conseguir compor essa estrutura. A cena é dividida em 2 momentos: o casamento e o divórcio. O narrador aqui conta a história dessas duas figuras. Tentei trazer para essa alegoria de Político expressões que fossem fáceis de serem compreendidas, como o aceno de mão e as tentativas de comer a comida do povo. Já na figura do Povo eu concentrei grande parte dos textos da própria Carolina, basicamente toda a fala do Povo nessa cena são textos retirados dos diários de Carolina. Dani nos indicou uma apresentação feita por Seu Jorge durante o período de pandemia na qual o cantor faz um cover de “Zé do Carço” de Leci Brandão e “Negro drama” de Racionais MC’s.¹⁴ Inclui na cena trechos da letra de ‘Zé do Carço’ e o instrumental dessa apresentação de Seu Jorge. Na cena ainda incluí a música de

¹⁴ É possível assistir a apresentação através desse link: [Seu Jorge e o Zé do Carço](#)

um artista de Uberlândia e amigo meu, Darmi¹⁵. A música de Darmi foi adicionada ao longo dos ensaios, ela não consta no texto original. Essa cena tem uma colagem de vários materiais: músicas, textos da Carolina, textos criados por mim. E isso demonstra como o texto da Carolina se mostra atual, e as reflexões que ela fazia nos anos 1950/1960 ainda são reflexões que fazemos hoje em dia.

6.9. CENA XIV - FINAL - SALVE CAROLINA!

Última cena do espetáculo. Foi a última cena a ser escrita. Essa é uma cena curta, porque tudo o que tínhamos para dizer já tinha sido dito nas outras 13 cenas. Na peça, tem uma outra cena que acontece no “camarim”, essa cena foi escrita por Ronaldo e nós gostamos muito dela. Era um momento rápido, um momento de descontração daqueles atores e atrizes. Então, como uma forma de fazer referência aquela cena, resolvi ambientar essa também no camarim. Aqui, os atores e atrizes foram expulsos do programa e refletem sobre sua peça. Eu utilizei muito do recurso de metalinguagem para construir essa cena. Muitas coisas que são ditas nessa cena, foram ditas também nesse nosso processo de pesquisa. Como ainda ficou faltando uma cena para esses artistas apresentarem no programa, eles resolvem fazê-la ali mesmo, para eles. Nesse meu processo de pesquisa para fazer essa dramaturgia, vi uma matéria que falava da inauguração de uma estátua em homenagem a Carolina Maria de Jesus em Parelheiros, bairro localizado na zona sul de São Paulo e local onde Carolina comprou um sítio e viveu seus últimos anos de vida. Junto da estátua tem uma descrição, e foi com essa descrição que resolvemos encerrar a peça.¹⁶

Olhando para o céu como quem busca inspiração para a escrita, Carolina está sentada na praça com um caderno no colo e um lápis na mão. Ela está com um vestido de penas, um colar de pérolas, um chapéu de lantejoulas e está com os pés descalços. Sua saia se assemelha a folhas de papel dispostas uma ao lado da outra. Ao olhar com atenção é possível identificar alguns escritos nela. De tanto se dedicar às palavras, Carolina Maria de Jesus tornou-se livro.

¹⁵ A música de Darmi se chama “Desire”, e é possível assistir uma apresentação dela no link: <https://www.youtube.com/watch?v=q6ZpJwOaAUE>

¹⁶ Após o texto final, foi projetado na rotunda um vídeo que mostra algumas imagens raras de Carolina e algumas curiosidades: https://drive.google.com/file/d/1evaiU2_gvl6sC_qmt4GxOIP4QxjY2SNE/view?usp=drive_link



7. **ELE É DE FERRO E EU SOU DE AÇO**

*Põe a mão no peito e foge pra não ter que ir
Nenhuma dor é pra curar (tuyo)*

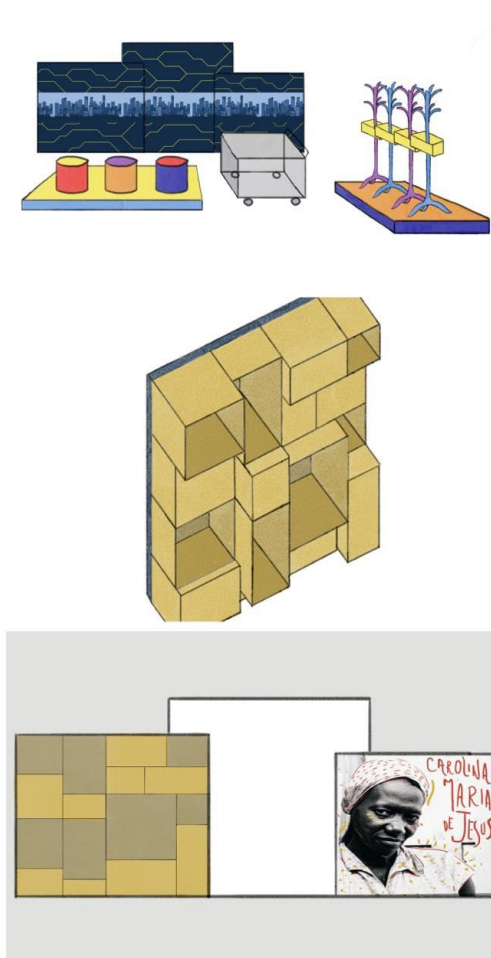
A frase-título desse capítulo é da própria Carolina respondendo um homem que ameaçou bater nela. Essa frase não está na nossa peça, mas desde a primeira vez que eu a li ela me marcou muito. E ela me traz um sentimento sobre ser forte, ser resistência, principalmente num mundo que não foi feito para nós, pessoas negras, e no caso dela com o adicional de ser mulher.

Antes de ir para as considerações finais, eu não podia deixar de destacar o papel fundamental que algumas pessoas tiveram para que fosse possível levar esse trabalho para o palco. Talvez fundamental não seja a palavra ideal para resumir. Talvez precise de mais. Muito mais. Antes de falar dos profissionais que contribuíram de forma extremamente empática com o trabalho, por que “De Penas e Lantejoulas, Com Vocês...Carolina”? Na exposição dedicada a Carolina no Instituto Moreira Salles, tem uma parte reservada para falar um pouco sobre a relação de Carolina com a costura e a forma que ela gostava de usar elementos não convencionais em suas roupas. Nessa parte da exposição, existe uma série de fotografias pouco conhecidas de Carolina utilizando um vestido feito com penas de galinha carijó e usando um chapéu bordado com lantejoulas que formavam seu nome “CAROLINA”. Essas fotos foram tiradas pela escritora Zélia Gattai e publicadas junto de um artigo também feito por Zélia. O título do artigo era “**A outra Carolina tem nome feito de Lantejoulas**”, e foi pensando nessa “outra” Carolina que surgiu o título do nosso trabalho; o “de penas e lantejoulas” faz referência ao vestido e o chapéu feito por Carolina, e o “Com vocês...Carolina” é uma referência aos programas de televisão que tem por hábito apresentar os convidados dessa maneira. E era assim que gostaríamos de apresentar Carolina: colorida, cantando, escrevendo, recitando poemas, dançando, costurando.

Voltando às pessoas convidadas a contribuírem com o nosso trabalho, a primeira pessoa que convidei para participar desse processo ainda em Junho foi o meu amigo e estudante de Teatro da UFU Matheus Gotti. Convidei Gotti para nos auxiliar com um suporte nas trilhas sonoras. Conforme as cenas eram criadas, ia surgindo cada vez mais a necessidade de ter alguém que ficasse encarregada dessa função. Foram várias músicas e áudios nesse trabalho. Não tenho palavras para explicar a forma como Matheus foi importante nesse

processo. Além de ficar nessa função de sonoplasta, ele registrou em fotos inúmeros ensaios nossos.

A segunda pessoa convidada para nos auxiliar foi uma estudante do curso de Design da UFU, Deborah Rodrigues. Como tínhamos uma noção básica do que gostaríamos para o cenário, era preciso uma pessoa que colocasse as nossas ideias no papel. Foi então que Ronaldo e eu convidamos Déborah a compor o nosso time e fazer um desenho do nosso cenário, para que ficasse mais fácil a visualização. Desde o primeiro momento, Deborah topou participar e demonstrou muito entusiasmo. Ela chegou a ir visitar a sala que nós ensaiávamos para ter uma ideia das medidas necessárias, e foi em um ensaio nosso para poder ver de perto nossas movimentações.



A imagem acima é o desenho finalizado do cenário feito por Déborah. Nós contamos para ela sobre nossa ideia de fazer uma peça que se passava em um programa de televisão no futuro, e ela concebeu esse cenário a partir das nossas ideias.

Nossa outra convidada foi Natania Borges, uma profissional que tenho profundo respeito e admiração. Como tínhamos como proposta cênica cantar algumas músicas, como **“Vedete da Favela”** e **“Quem assim me ver cantando”**, ambas de Carolina, nós precisávamos de uma pessoa que nos auxiliasse nessa parte musical. Pensei na Natania por já ter tido a oportunidade de trabalhar com ela em outro projeto, e saber que ela é uma artista engajada e com muito conhecimento técnico nessa questão vocal. Natania aceitou prontamente o convite e foi figura importantíssima nesse projeto. Ela foi em alguns ensaios e passou exercícios que foram fundamentais para conseguirmos executar as músicas da melhor maneira.

Para pintar parte do nosso cenário, convidamos João Buson, aluno do curso de artes visuais da UFU. João é um artista formidável, muito talentoso e que também aceitou o nosso convite de forma imediata. Mostramos para João o desenho de Déborah e contamos para ele nossas ideias. Ele iria pintar as placas que seriam o fundo do nosso cenário e pintaria também a imagem de Carolina que ficaria na parte de trás de uma das placas. Irei adicionar os desenhos feitos por João e imagens nossas nesse processo de pintura do cenário como anexos deste texto. Infelizmente esse cenário acabou não dando certo, chegamos a pintar algumas placas, porém não conseguimos finalizar pois as placas começaram a entortar e tivemos que parar.

Em 2022 eu gravei uma série chamada **“Bola Pra Frente”**, e uma das locações dessa série era a casa do tio do meu personagem, o dono da casa é Flávio Arciole. Até então desconhecido para mim, mas conforme os dias iam passando, e eu fui conhecendo mais e mais o Flávio e descubro que ele é um grande artista de Uberlândia, faz cenários, adereços para carnavais, eventos religiosos e mais. Flávio me mostrou parte do seu acervo enquanto eu gravava, e me disse que eu poderia voltar lá e pegar o que eu quisesse. Assim fiz, quando as gravações terminaram, voltei a casa de Flávio com Ronaldo e contamos a ele sobre nossa peça. Flávio nos mostrou boa parte de tudo o que tinha em casa. E era muita coisa. Muitas miçangas, linhas, tecidos. Vários elementos que nós precisávamos para compor criar nossos figurinos e adereços cênicos. Ele sempre nos deixou bem à vontade para que pegássemos o que nós quiséssemos. Flávio foi extremamente generoso. Sem me conhecer, abriu as portas da sua casa, abriu seu grande acervo, e sem querer nada em troca, me ajudou. Boa parte dos materiais que usamos para fazer nossos figurinos e adereços foram retirados do acervo de Flávio; os tecidos, as lantejoulas do chapéu, o carrinho que era ao mesmo tempo mesa do programa de televisão era também onde guardávamos elementos de cena, miçangas para os

figurinos, as plumas que usamos na coreografia de "Vedete da Favela". Enfim, quando tudo parecia ir contra esse projeto, Flávio apareceu e fez o possível para nos ajudar.

Outre artista que participou desse projeto foi Efit Henrique, um estilista que cruzou meu caminho nesses encontros aleatórios da vida. Ele desenhou todos os nossos figurinos, cujos desenhos estão anexados ao fim desse texto. A ideia dos nossos figurinos era que fossem práticos, seriam várias trocas, e seguissem uma estética Afrofuturista. Os figurinos desenhados por Efit seriam utilizados nas cenas em que os convidados do programa estariam sendo entrevistados, então a proposta era que fossem figurinos mais "extravagantes". Efit conseguiu imprimir de forma primorosa as nossas ideias para o papel.

No curso de Teatro existem vários técnicos de diversas áreas, duas delas participaram do projeto: Nina Tannús e Létz Pinheiro. Nina é técnica corporal do curso, ela auxilia geralmente em aulas práticas e ajuda em coreografias. Nós a convidamos mais no fim do projeto para nos auxiliar nas coreografias, como o tempo era pouco só foi possível trabalhar a coreografia de "Quem assim me ver cantando", mas já foi o suficiente para melhorar a qualidade da nossa coreografia. Nina é uma profissional dedicada, mesmo com uma agenda super lotada de tarefas, ela conseguiu encaixar um horário para nos ajudar. Enquanto grupo, nós queríamos uma coreografia que ajudasse a contar aquela história, e Nina conseguiu potencializar a nossa cena com a dança. Létz faz parte do LICA - Laboratório de Indumentária, Cenografia e Adereços Cênicos do curso de teatro, e com ela conseguimos o empréstimo de algumas peças para utilizar nas cenas.

Para a parte de confecção dos figurinos, Ronaldo indicou Matheus Henrique, um designer de moda de Uberlândia. Matheus foi até a UFU tirar nossas medidas e concebeu todos os figurinos que Efit desenhou.

Convidamos também João D'.Marquês para a iluminação. João é aluno do curso de Teatro e passou a integrar nosso time algum tempo antes da estreia, foi em vários ensaios e concebeu e operou a iluminação do nosso espetáculo. Chamamos Luiz Fernando, outro aluno do teatro, para que nos auxiliasse com as projeções da peça. Além de operar o projetor, Luiz também fez as vozes da produção que aparecem no texto.

Precisamos de uma pessoa para customizar um vestido com penas e algumas miçangas e o chapéu de lantejoulas, foi então que convidei André Rodrigues, artista e aluna do curso de Teatro - UFU que atende também pelo nome da maravilhosa Drag Queen Angelina Aggelos.

Acho importante destacar esses nomes porque não se faz muito sozinho. Principalmente no teatro, que é uma arte coletiva e que se faz coletivamente. O que a princípio pode parecer só nomes, na realidade foram pessoas essenciais para que fosse possível fazer desse projeto uma realidade. Essa peça passou a se tornar ambiciosa e tomar grandes proporções conforme as cenas iam sendo criadas,

era preciso agregar mais pessoas. Como esse projeto não tinha verba para ser realizado, nenhuma dessas pessoas cobrou para participar. Sei que a arte precisa ser valorizada, e um artista não vive de gratidão, por isso sempre que convidava alguém, deixava explícito que não haveria pagamento em dinheiro. Absolutamente todo mundo que citei topou participar mesmo assim. As pessoas foram nos ensaios, marcamos encontros, discutimos através das redes sociais possibilidades. Essa foi uma peça que recebeu alguns “nãos”, mas que recebeu mais de 20 “sins”. Pode parecer piegas, e acredito que seja um pouco, mas no fim mostramos que o coletivo faz a diferença.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é que existe outras reencarnações, eu quero voltar sempre preta

Carolina Maria de Jesus

A apresentação do nosso espetáculo aconteceu no dia 14 de janeiro de 2023 às 20h no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Axé. Foi um dia que guardo com muito carinho nas minhas memórias, foi um dia de concretizar tudo aquilo que havíamos pesquisado sobre Carolina. Dias antes dessa apresentação, começou a me bater uma insegurança porque não sabia como o público ia reagir a esse trabalho. Como era um texto que eu havia escrito, seria a primeira vez que eu ia expor ele a tantas pessoas. Apesar de alguns problemas técnicos que ocorreram com a iluminação, foi uma apresentação arrebatadora. Conseguimos lotar o espaço, vieram pessoas de vários lugares, apesar do atraso e de problemas com o calor excessivo, as pessoas permaneceram até o fim, atentas a tudo o que estávamos dizendo, atentas a tudo que estávamos encenando. No fim, eu chorei. Ver que tantas pessoas que saíram das suas casas, pararam um pouco das suas vidas para estar ali naquele momento, assistindo uma história que boa parte saiu da minha cabeça, foi a realização de um sonho.

Como disse no começo deste texto, este não foi um trabalho fácil. Mas foi de longe a melhor coisa que me ocorreu ao longo da minha graduação. Foi o trabalho em que eu me senti mais vivo, mais participativo.

Além de ficar responsável pela dramaturgia, fiquei responsável também pela parte de produção, ao lado de Ronado, e juntos ficamos em contato com a Dicult, com o Graça do Axé, com as várias pessoas que foram se envolvendo com esse trabalho, pessoas que eu mencionei acima, com a parte de divulgação. Foi um aprendizado imensurável, e tudo valeu

a pena porque eu acho que chegamos em um bom resultado: conseguimos homenagear Carolina Maria de Jesus de uma maneira muito respeitosa e mostrando sua pluralidade.

As outras cenas do espetáculo que eu não comentei foram escritas por Ronaldo Bonafro, e nelas foram adicionadas um poema e algumas músicas de Carolina, e outras referências da vida da artista.

Aprendi muito com Carolina, Dani, Lorena, Mara, Ronaldo e todas as pessoas envolvidas nesse processo. Foram muitas trocas importantes, conversas às vezes duras, mas em grande parte conversas importantes e de bastante reflexão. No início de 2022 só tínhamos o desejo de algo, fomos caminhando aos poucos, tateando lentamente e chegamos nesse resultado potente. A arte é pra sempre. Carolina escreveu seus diários, músicas, romances, poemas, provérbios, contos, peças nos anos 1940/50/60 e até hoje estão por aí reverberando. O legado de Carolina Maria de Jesus é eterno e é potência.

9. FONTES E REFERÊNCIAS

Jesus, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1992.

____. **Casa de alvenaria – Diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

____. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963.

____. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, [196-].

Carolina Maria de Jesus (2003). Direção: Jefferson Dê (curta-metragem).

CAROLINA MARIA DE JESUS: Um Brasil para os brasileiros. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>

BILAC, Jô. **Infância, Tiros e Plumas**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2015.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d 'água**. Rio de Janeiro: Lê Livros. 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negras, Máscaras Brancas**. São Paulo: Edu Editora. 2020.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **PERCURSOS DE UMA POÉTICA DE RESÍDUOS NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**. Itinerários: Araraquara, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa; GONÇALVES, Maria Clara. **CAROLINA MARIA DE JESUS E O TEATRO: CRIAÇÕES E ADAPTAÇÕES**. Salvador, 2021.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa; DINHA. **Onde estaes Felicidade?** São Paulo, Me Parió Revolução. 2014.

PAVIS, Patrice. **Dicionário do Teatro**. São Paulo: Perspectiva. 2008.

Páginas consultadas:

Afrofuturismo: o que é a estética usada em Black is King, de Beyoncé. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/afrofuturismo-o-que-e-a-estetica-usada-em-black-is-king-de-beyonce>

Caminhos da Reportagem | Carolina de Jesus, a escritora além do quarto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AvUP-IoYEO>

CULTNE - "Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus " - Ruth de Souza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dbw3csCl9lo>

Escrevivência. Conceição Evaristo (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OXopKuvxevY&t=657s>

Fala, Doutor: Raffaella Fernandez - Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y84aYRfYGVw>

GUIA ACERVO DE CAROLINA MARIA DE JESUS, SACRAMENTO. Disponível em: http://culturasacramento.com.br/sites/default/files/2022-06/Rela%C3%A7%C3%A3o%20do%20Acervo%20da%20Carolina%20Maria%20de%20Jesus_.pdf

Poética da diáspora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>

“Quero Carolina Maria de Jesus como uma literata”, diz Vera Eunice de Jesus no Guia Negro Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a-hs5HUYdwQ>

VIDA POR ESCRITO. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/home>



APÊNDICE

“De Penas e LANTEJOUAS,
COM VOCÊS... **CAROLINA**”



CENA 1

(O Arco Íris Foge de Mim)

Enquanto uma música/áudio toca, os atores e atrizes andam seguindo a estrutura do viewpoints.

- 1- *Começa andando do nível 5 ao 10.*
- 2- *Andamentos com velocidade aleatórias, cada um faz uma ação, e os outros reproduzem.*
- 3- *Após a última ação (cabo de guerra) os atores vão formando uma imagem no centro do palco, dizendo o texto de forma intercalada:*
- 4- **TODOS:** O Arco-íris foge de mim!

CENA 2

(Vedete da Favela)

Ouve-se a voz de Carolina “Salve ela ô”.

Todos entram em cena num ritmo lento, empurrando um carrinho, que carrega as duas atrizes, e entoando o refrão da música “Vedete da Favela” numa versão fúnebre.

TODOS: Salve ela ô, salve ela! Salve ela, a vedete da favela!

LORENA: Sonhei que estava morta. Vi um corpo no caixão. Em vez de flores eram livros que estavam nas minhas mãos. Sonhei que estava estendida, no cimo de uma mesa. Vi o meu corpo sem vida, entre quatro velas acesas. O padre me deu a extrema unção. Quanta ternura notei. Quando foi fechar o caixão...Eu sorri e despertei.

Os atores e atrizes permanecem estáticos enquanto é exibido no telão canais de tv, no primeiro canal acontece um jornal, no segundo está passando um quadro de um programa, no terceiro uma cena de novela... até que a tela fica colorida, com a frase “Em instantes: (logo do talk show). Uma voz de fundo diz:

PRODUÇÃO: Atenção, prepara, 3, 2, 1, foi.

O programa se inicia com os atores e atrizes do mesmo ponto em que estavam no momento do velório. Começam a cantar “Vedete da Favela” seguida de uma coreografia.

"Vedete da Favela"

Salve ela, ô

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Conhece a Maria Rosa?

Ela pensa que é a tal

Ficou muito vaidosa

Saiu seu retrato no jornal

Salve ela, ô

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Maria conta vantagem

Que comprou muitos vestidos

Preparou sua bagagem

Vai lá pros Estados Unidos

Salve ela, ô

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Quando vão finalizando a música, os atores e atrizes fazem a mudança do cenário para o ambiente do Talk Show. Pegam cadeiras, mesa, holofote, câmera, etc... Enquanto repetem o último refrão já sem a música, só a capela, a apresentadora toma a frente do palco.

CENA 3

(1º apresentadora)

APRESENTADORA: (vai até a câmera) Que delícia poder começar o programa assim, né?

Esse é o seu, o meu, o nosso Brazil 2100. Já já eu te conto quem são os nossos convidados de hoje.

Com a luz baixa, com o programa prestes a retornar, a apresentadora se senta sobre a bancada, enquanto lê o roteiro do programa, ela cochicha e memoriza os nomes dos convidados.

APRESENTADORA: José dos Anjos, Felicidade, Pedro Fagundes...

Uma faxineira passa um pano no piso, no balcão... Um maquiador chega e começa a maquiá-la a apresentadora. Enquanto isso, um produtor anda de um lado pro outro com uma prancheta na mão, checando o local.

APRESENTADORA: (estalando os dedos para o produtor) Ei querido. Água! eu preciso de água.

O produtor consente com a cabeça e sai correndo para buscar uma água.

APRESENTADORA: (tosse ao ser maquiada) Tá, chega, vai, vai...

Enquanto o maquiador e a faxineira saem do estúdio, o produtor se aproxima esbaforido com uma água na mão, a apresentadora olhando o roteiro só acena com a mão, como se pedisse para que ele se retirasse. O produtor sai. A apresentadora se ajeita, pigarreia, e uma voz diz:

PRODUÇÃO: Atenção, prepara, 3, 2, 1, voltando.

O programa retorna.

APRESENTADORA: Olá, Olá, Olá. Cá estamos nós pra mais um dia do seu, do meu, do nosso BRAZIL 2100. E sem mais delongas, porque aqui não tem enrolação, hoje vamos receber presenças ilustres. (uma pausa, levemente emocionada) Olha, devo dizer a vocês que receber essa galera aqui hoje me deixa... (caçando a palavra) Sem palavras!! Eles são grandes artistas do teatro contemporâneo e hoje vão apresentar aqui no palco algumas cenas desse novo espetáculo que tá dando o que falar. E cá entre nós, tem muita POLÊMICA envolvida, então fique aí. Ele estreou sua peça recentemente, que inclusive foi de muito sucesso, se apresentou nos maiores palcos do mundo, foi destaque nos grandes jornais nacionais e internacionais, e há quem diga (aponta pra si mesma) que o tema trata de um ataque aos brancos. POLÊMICA! Senhoras e senhores, eu estou falando do ator e escritor José dos Anjos.

José dos Anjos entra acenando para a plateia. Cumprimenta a apresentadora e senta no banco ao lado da mesa.

APRESENTADORA: Essa próxima convidada traz no nome o que veio espalhar nesse mundo, que coisa boa. Ela já foi Escrava Isaura... (olha para ficha e cochicha pra si) Escrava Isaura não é branca?... Ela já fez Medéia, Dorotéia, olha só (surpresa). Foi catadora de papel e empregada doméstica...(pausa) Calma! tudo isso na ficção. Com vocês a atriz, cantora e compositora, Felicidade.

Felicidade entra acenando. Cumprimenta a apresentadora e senta no banco, ao lado de José dos Anjos.

APRESENTADORA: Ele é parente de uma grande artista, e assim como ela, um dos seus sonhos sempre foi entrar para o circo, recentemente ele falou publicamente que ao tentar se inserir no mundo circense ouviu do dono de um circo “Pena você ser negro”. POLÊMICA! Estou falando do ator e poeta, Pedro Fagundes.

Pedro Fagundes entra acenando. Cumprimenta a apresentadora e senta no banco, ao lado de Felicidade. Já com os três convidados sentados, a apresentadora inicia o bate papo.

APRESENTADORA: Estou mega feliz com a presença de vocês aqui. Eu imagino que a agenda de vocês deve tá uma loucura, porque não se fala em outra coisa a não ser nesse último trabalho de vocês. Antes de tudo eu fiquei impressionada vendo aquela cena que vocês apresentaram, que samba no pé!!! E sem delongas eu vou direto ao assunto. Porque homenagear Maria Carolina... (olha na ficha) Carolina Maria de Jesus agora, depois de tanto tempo?

FELICIDADE: Bom, na verdade o grupo já vem a homenageando há muito tempo, outros grupos também já homenagearam ou estão homenageando. Carolina sempre foi...

APRESENTADORA: Engraçado, né? Agora te ouvindo falar, umas formiguinhas me contaram que Carolina foi uma figura bastante polêmica... Eu quero saber se tem atrito envolvido nesse espetáculo.(chega mais próximo dos convidados) já houve alguma confusão nos bastidores?

JOSÉ DOS ANJOS: Ah, não. A gente se dá muito bem. Tanto em cena quanto fora da cena. Um desentendimento ou outro não afeta o nosso trabalho, faz parte...

APRESENTADORA: Então tem desavenças, né? Sempre tem um que faz mais, o outro que faz menos. Faz parte mesmo, mas chega num ponto que uma inimizade ou outra aparece, né? E realmente, isso é normal mesmo. Uma briga ou outra. Um bate-boca antes de entrar em cena. Uma fofoca que rola paralelamente...

Os três atores somente sorriem (há um desconforto interno)

APRESENTADORA: Ah vamos quebrar esse gelo né gente? Pedro, conta pro pessoal de casa que não conhece vocês, o que eu duvido muito, como esse grupo surgiu.

PEDRO FAGUNDES: Antes queria agradecer ao programa pelo espaço dado pra gente, Obrigado! Bem, o grupo nasceu...

A apresentadora mexe no celular enquanto Pedro fala.

APRESENTADORA: Imagina, é sempre um prazer receber gente diferente aqui no palco, gente que tem muito a nos ensinar né? O compromisso que eu tenho comigo mesmo é sempre dar espaço para assuntos importantes, assuntos como esse... pode continuar.

PEDRO FAGUNDES: Então, como eu estava dizendo, esse grupo nasceu a partir de assuntos, temas em comum que estavam nos atravessando enquanto artistas, a gente já se conhecia de outros trabalhos específicos...

APRESENTADORA: Lindo! Lindo! Lindo! Você fala, e a gente só sabe admirar. Eu queria fazer uma pergunta agora pra Felicidade. Primeiro, o que te traz felicidade? (pausa) Só pra quebrar o gelo, não podia perder essa. Felicidade, eu vi recentemente que você terminou seu relacionamento de anos, POLÊMICA, com aquele pedaço de mal caminho, desculpa o jeito de falar. O brasil quer saber, você já vai engatar um novo romance, ou vai deixar a poeira baixar?

FELICIDADE: Na verdade, eu não estou tão focada agora nisso. Acho que esse nosso trabalho tem me motivado mais.

APRESENTADORA: Artista fala bonito, né? Já que você tocou nesse assunto desse trabalho de vocês, eu não pude deixar de notar que o querido José dos anjos tem um samba no pé como

ninguém, o que foi aquela cambalhota pra trás? Eu fiquei sem fôlego só de ver. Eita, como samba. Dos anjos, dá mais uma palhinha pra gente desse samba, o povo quer isso.

JOSÉ DOS ANJOS: *(rindo, levemente constrangido)* Obrigado, a ideia daquele mortal foi da nossa diretora, a Marta Viana. Um beijo, Martinha. Eu até poderia sambar aqui, mas tem tanta cena pra gente fazer hoje. Acho que o pessoal vai gostar das surpresas.

APRESENTADORA: Falou e disse!! Agora, eu preciso falar uma coisa pra vocês. O que é esse Pedro Fagundes? Não, olha esse rosto. Essa pele. Olha o cabelo. Fala sério, que cabelo é esse? Pedro, chega aqui mais perto, por favor.

Pedro se aproxima da apresentadora. Meio sem jeito.

APRESENTADORA: *(tocando no cabelo de Pedro)* Olha isso, essa textura. Como faz pra deixar o cabelo assim? Deve dar um trabalho danado, eu imagino. Esse aqui é o clássico negro lindo!!!

PEDRO FAGUNDES: *(tirando o cabelo das mãos da apresentadora)* Nem me dá tanto trabalho assim. *(retomando o assunto, para o grupo)* Vamos falar dessa primeira cena? Quem escreveu essa foi o José dos Anjos, acho que ele pode falar um pouquinho melhor.

JOSÉ DOS ANJOS: Essa cena que vamos apresentar faz parte do nosso espetáculo, eu tive a ideia dessa cena quando li algumas matérias sobre a Carolina e quis retratar um pouco da relação dela com a costura e o filho...

FELICIDADE: É bom você falar isso, porque muitas pessoas acreditam que por ter vivido na...

APRESENTADORA: *(interrompendo, sem noção)* PARA TUDO!!! Vocês falando aí de costura, me fizeram lembrar um vestidinho POLÊMICO que a Felicidade usou na última semana naquela premiação, aquele tomara que caia de parar o trânsito. Aquilo foi assunto pra dias. Quem foi que desenhou aquela peça linda?

Felicidade se prepara para falar. A luz vai baixando. Ouve-se som de temporal, ventania... Felicidade tira sua roupa de atriz, deixando apenas a roupa para cena. A apresentadora, Pedro Fagundes e José dos Anjos deixam o palco. Felicidade leva a mesa da apresentadora mais pra frente, tira o vestido de dentro do carrinho/mesa e começa a fazer uns ajustes no vestido.

CENA 4

(Vestido)

Som de ventania... Em cena, um pouco à frente do cenário do Talk Show, num foco de luz está o carrinho de Carolina, ao lado está Carolina, sentada num banquinho. Ela cantarola um trecho de "Moamba" enquanto está bordando um vestido.

CAROLINA:

Não tenho vestido

Nem sapato nem chapéu

Quem não tem de ir pra cima

Não adianta olhar pro céu.

Carolina olha para fora do barraco e suspira.

CAROLINA: Estou apavorada com esse tempo. A sensação que tenho é que esse quartinho vai desmoronar na minha cabeça... Mas eu logo lembro que não resido mais num barraco frágil, num quarto de despejo. Agora eu tenho teto de concreto, teto rígido. (olha ao redor) ainda é só um quartinho, mas aquele repórter me disse que em breve vai encontrar uma casa para eu morar. Uma casa com quarto, sala, banheiro, jardim...

Ouve-se um trovão. Carolina se levanta assustada e vai até uma janela.

CAROLINA: Cadê esse menino levado. (grita) João!

Ela se senta e continua a bordar.

CAROLINA: Ainda não começou a chover, eu deveria ir atrás desse menino. Mas eu não posso, estou focada no meu vestido. A Vera e o José Carlos estão na Leila, nossa vizinha. Dei a ela 100 cruzeiros para olhar meus filhos. Hoje é um dia de prestígio. Sou convidada de honra para assistir ao espetáculo sobre o meu livro. Quem veio me fazer o convite foi a Dona Ruth de Souza, uma negra linda e educada. É ela quem me interpreta no espetáculo. Estou feliz. Hoje quero me vestir feito uma vedete. O meu vestido é feito de penas. No matadouro não quiseram vender-me as penas. Paciência. Eles dizem que fiquei rica e consigo muito dinheiro com a fantasia de pena. Não fiquei revoltada. Eu sou igual a água, se faz um dique impedindo seu curso ela vai evoluindo-se e transpõe.

Outro trovão. Carolina se assusta e olha para cima.

CAROLINA: Há alguns vícios que a gente não perde mesmo. Eu sei que esse teto tá intacto, mas minha vivência favelada me faz estar sempre alerta. Ainda penso que vivo no barraco. Às vezes me lembro da minha saída da favela. A mudança foi uma confusão! Eu estava atordoada. Todos os curiosos presentes, crianças rondando o meu barracão. Disseram que os meninos mexeram nos meus livros. Xinguei-os. Me lembro da Meyri me pedindo pra não esquecer dos pobres. Achei graça. Na hora que o motorista partiu, os favelados atiraram pedras. Que confusão... (pausa) agora vivo aqui. Penso que agora vou ter o meu dinheiro, fruto do meu trabalho de escritora. Parece um sonho!

Carolina retorna a bordar. João entra e vai passando de fininho, por trás de Carolina. Ela ouve seus passos.

CAROLINA: Onde você estava, menino?

JOÃO: Estava brincando.

CAROLINA: Eu já te disse que a próxima vez que a rádio patrulha te pegar, te deixo lá no juizado. Entra e vai se lavar, hoje eu sairei, a Leila ficará com vocês.

JOÃO: Onde vai mamãe? O que tá fazendo?

CAROLINA: Um vestido, pra uma noite especial.

JOÃO: Um vestido... (nervoso) A senhora vai se casar? A senhora se casando, o dinheiro dos livros é do seu esposo. A lei dá direito ao homem e eu queria e quero ser o herdeiro dos direitos dos livros.

João sai bravo, batendo os pés, de birra.

PAUSA.

CAROLINA: Estou horrorizada. O meu filho está ao par do Código Civil melhor do que eu.

Volta a bordar.

CAROLINA: Esse vestido há de me deixar linda nas fotografias. (analisando o vestido) Se eu pudesse, colocaria muito mais lantejoulas nele, até ficar coberto. Mas não posso! Não posso porque devo economizar para alugar uma casa grande, uma residência digna para os meus filhos. (Olha de longe para a janela) É uma pena o tempo estar assim, tão acinzentado. Aí, se estivesse uma noite tépida, com o céu salpicado de estrelas, eu, que sou exótica, iria recortar um pedaço do céu para fazer um vestido! Mas também não posso...

João retorna e se senta ao lado da mãe. Carolina borda por um tempo, enquanto João a contempla.

JOÃO: Mamãe, a senhora vai se casar mesmo?

CAROLINA:(ri) Não, meu filho. Com esse vestido eu vou contemplar o espetáculo que estão fazendo sobre o meu Diário, lembra quando vimos os ensaios?

João consente com a cabeça.

CAROLINA: Você quer me acompanhar? Mas vai ter que me prometer que não vai fazer arte...

JOÃO: Não quero. Tenho pavor de recordar essa parte da nossa vida.

Pausa. João chega mais próximo do vestido e analisa.

JOÃO: Mamãe, onde arranjou essas linhas, as lantejoulas? Não foi caro? A senhora está gastando muito.

CAROLINA: (Sorrindo) A vida de miséria vai acabar meu filho. Volta a bordar.

Silêncio.

CAROLINA: Antes de ir para o teatro Bela Vista farei uma comida deliciosa para você e seus irmãos comerem lá na Leila.

JOÃO: (Se anima) mamãe, a senhora faz bife pra gente?

CAROLINA: Sim! Então hoje farei bife.

JOÃO: (se levanta de felicidade) Viva Carolina.

Carolina sorri.

JOÃO: Sabe, mamãe, eu vou dizer uma coisa para a senhora.

Carolina para de bordar e se preocupa.

CAROLINA: O que foi?

JOÃO: Como é bom a gente comer até encher!

Com tanta felicidade, João dá um beijo na mãe e sai. Carolina sorri.

CAROLINA: O João sempre foi muito bruto! Mas agora que temos o que comer em casa ele tá se transformando: deixando de ser João Bruto para ser João Gentil. É que a fome deixa as pessoas neuróticas.

Carolina estende o vestido e o contempla.

CAROLINA: Está pronto! Vou me preparar.

Carolina liga o rádio que estava sobre a mesa. Toca um trecho da música “Moamba”. Ela dança com o vestido ao longo do corpo e em seguida sai.

CENA 5

(2º Apresentador)

Com o final do trecho da música “Moamba” ainda tocando ao fundo, o apresentador vem da mesa do talk show até chegar próximo ao público.

APRESENTADOR: (sincero, olhando para a platéia) Somos os únicos animais capazes de rir, chorar, perceber a própria existência dentro do universo, e mesmo assim, nem por isso, aplacamos a angústia da falta de razão de estarmos aqui. No passado, não demos a devida atenção e reconhecimento que um determinado grupo de pessoas merecia, do alto do nosso privilégio, estávamos cegos para conseguir enxergar a grandeza que estava bem na nossa frente. Tivemos nomes importantes que lutaram muito para que essas pessoas pudessem estar aqui hoje, ocupando esse lugar que sempre foi delas, mas que nem sempre as portas estavam abertas. Eu posso citar alguns nomes como Taís, Lélia, Elza, Bia, Lina, Gabriel...(pausa)Carolina!! Hoje, aqui, nesse palco, o momento e o protagonismo, que foi negado durante anos e anos, é deles e delas. O nosso papel nessa peça é observar, mas observar mesmo. E absorver. Absorver o máximo que nós conseguirmos. Esse é o meu compromisso, e precisa ser o nosso. O racismo não vai...

VOZ DA PRODUÇÃO: (da coxia, gritando) Não, não, não... Você tá falando muito “eu”, “meu”, não pega bem. Tenta deixar o texto mais amplo.

APRESENTADOR: (analisando a ficha) Quem escreveu esse? Eu tinha falado na reunião pra tirar essa parte dos nomes, eu não consigo decorar todos... me ajuda galera.

VOZ DA PRODUÇÃO: Tá, desculpa. Na hora você pega o produto e improvisa algo. Voltando em 5, 4, 3, 2, 1...

O programa retorna. Música do início. O apresentador vem da bancada até o centro do palco, carismático. Felicidade e José dos Anjos entram e sentam.

APRESENTADOR: Como é bom tá de volta. No último bloco vocês puderam ver essa lindeza de cena com aquele vestido espetacular. Já já falamos mais um pouco sobre. Agora eu quero chamar uma pessoa aqui no palco que ainda não tinha sido apresentada, mas que também faz parte desse coletivo que veio aqui hoje apresentar essas cenas. Ela começou nos palcos desde cedo, veio de uma família de artistas, o pai era palhaço e a mãe cantora. De Clara só tem o nome (lendo a ficha para ver se é isso mesmo) Recebam aqui no palco, a estupenda atriz Maria Clara Basqui.

Maria Clara entra acenando, cumprimenta o apresentador e se senta ao lado de Felicidade e José dos Anjos. O apresentador vai até sua mesa, coloca um produto sobre ela, evidenciando-o.

APRESENTADOR: Maria Carla...

MARIA CLARA:(corrigindo)Clara.

APRESENTADOR: Conta como você conheceu essa galera? A gente quer te ouvir um pouquinho.

Enquanto Maria Clara fala, o apresentador vai aos poucos tentando colocar o produto cada vez mais em foco.

MARIA CLARA: Eles já falaram algumas coisas, mas me lembro de conhecer a Felicidade enquanto a gente participava de um festival de teatro em...?

FELICIDADE: (se lembrando) 2098, não foi?

MARIA CLARA: Isso, foi mesmo.

O apresentador está entretido com o produto, e não percebe que Maria Clara terminou a fala. José dos Anjos finge um pigarreio.

APRESENTADOR: Que história!! Agora falando um pouco sobre a Carolina e essa peça de vocês. A gente sabe que ela teve uma carreira muito bem sucedida ao lançar o primeiro diário, e ela chegou a comentar em algumas entrevistas que gostava de escrever romances. Sabemos hoje que os romances não deram tão certo assim...vocês acham que ela deveria ter investido só nos diários?

Felicidade, José e Maria se olham.

JOSÉ DOS ANJOS: É indiscutível o talento que a Carolina tinha para fazer diários, por outro lado ela gostava muito de ler e escrever romances e chegou a publicar um enquanto ainda estava viva.

APRESENTADOR: Que fracassou. Acho que ela se distanciou muito do público leitor tentando algo que não era tão a praia dela.

FELICIDADE: Ela se afastou ou o público se afastou dela?

Maria Clara percebe o clima e tenta apaziguar.

MARIA CLARA: Talvez tenha faltado uma oportunidade maior para ela poder ter mostrado outras facetas.

APRESENTADOR: Isso. Assino embaixo. Eu sou fã dos diários, aquela passagem sobre a fome...aquilo me emociona. Agora, Maria Clara, eu não pude deixar de notar que você e a Felicidade tem um...(aponta para o braço como se quisesse falar tom de pele).

JOSÉ DOS ANJOS: Tom de pele?

APRESENTADOR: Perfeito, Zé. Maria Clara, você é um pouco mais moreninha que a Felicidade, isso é fato. Mas vocês duas estão aqui hoje. Você acha que a gente tá conseguindo evoluir, e as pessoas mais moreninhas e as mais clarinhas estão ocupando os mesmos espaços?

MARIA CLARA: (levemente desconfortável) Olha, primeiro que eu sou preta, né? E eu gosto muito. E segundo, não é porque eu e Felicidade estamos aqui que as diferenças...

Maria Clara percebe que o apresentador continua movendo o produto para que ele fique mais evidente.

MARIA CLARA: (para o apresentador) Ei, ouviu?

APRESENTADOR: Tudo!! E sobre essa próxima cena, o que vocês podem adiantar pro pessoal?

JOSÉ DOS ANJOS: Para essa próxima cena a gente quis sair da realidade descrita pela Carolina nos diários e investigar o poder da sua ficcionalidade, então a gente montou uma cena na qual...

APRESENTADOR: (com o produto na mão) Melhor do que falar, é fazer, né, Zé? O papo tá bom, o papo tá gostoso, mas enquanto eles se preparam para a próxima cena eu preciso dar um recadinho pra vocês.

O apresentador se levanta da mesa, caminha até outro lado do palco com o produto na mão, fazendo um marketing com o texto do início.Os atores saem.

APRESENTADOR: No passado, não demos a devida atenção e reconhecimento que um determinado grupo de pessoas merecia, do alto do nosso privilégio, estávamos cegos para conseguir enxergar a grandeza que estava bem na nossa frente. Por isso que a straight hair fez esse produto pensando em você...

Enquanto o apresentador fala, a luz vai diminuindo. O restante dos atores surge da coxia com uma espécie de penteadeira e os caixotes, que servirão de banco. Eles vão se ajeitando para a próxima cena e ouve-se ao fundo, ainda em off, um aquecimento vocal.

FELICIDADE E JOSÉ DOS ANJOS:

cra, cré, cri, cró, cru.
pra, pré, pri, pró, pru.
vra, vré, vri, vró, vru.

CENA 6
(OFF - CAMARIM)

Num foco de luz, delimitando a área de um camarim, Maria Clara está sentada de frente para a plateia e se maquia como se olhasse para um grande espelho do camarim (a penteadeira). Ao fundo está Felicidade e José dos Anjos num aquecimento vocal que antes era ouvido em off.

FELICIDADE E JOSÉ DOS ANJOS:

cra, cré, cri, cró, cru.
pra, pré, pri, pró, pru.
vra, vré, vri, vró, vru.

Em seguida, os atores aquecem a boca vibrando os lábios.

Felicidade vai até o espelho.

JOSÉ DOS ANJOS: Pera aí Felicidade, passa a cena 8 comigo, só mais uma vez!

FELICIDADE: Outra vez? Sem chance, Zé. eu preciso retocar a make. Já vão nos chamar.

Ela senta ao lado de Maria Clara e também se maquia. José dá umas folheadas no seu texto.

JOSÉ DOS ANJOS: *(lendo)* “Quando você vai lançar seu próximo diário?”

MARIA CLARA: (para Felicidade) ele travou na cena 8 né? Ai, eu estou bem apreensiva pra cena 7...

FELICIDADE: (tentando lembrar) cena 7...

MARIA CLARA: Do romance.

FELICIDADE: Ah! Sério? acho que não tem nada pra se preocupar, a gente sempre faz a cena dessa forma, e já discutimos sobre ela. Porque a preocupação hoje?

MARIA CLARA: Ah, sei lá... é televisionada pra tanta gente. Fico pensando na forma que vão interpretar... se vão entender que...

FELICIDADE: Que ela também fazia romances melodramáticos? Acho que entendendo isso já basta. Fica tranquila.

Maria Clara suspira de preocupação.

As duas começam a vestir as roupas/elementos da cena do melodrama. Pedro Fagundes entra e vai próximo à José dos Anjos, que está focado decorando o texto.

PEDRO FAGUNDES: Gente! Eles me disseram que voltam em instantes, hein.

FELICIDADE: (se arrumando) Aí, será que dá tempo de um xixizinho?

JOSÉ DOS ANJOS: (decorando em voz alta) “Quais são as diferenças do mundo humilde da favela para o mundo dourado da cidade?”

PEDRO FAGUNDES: (o corrigindo) “da arte”.

JOSÉ DOS ANJOS: isso! (repete) “...para o mundo dourado da arte”

MARIA CLARA: (para Felicidade) Sabe, eu acho que é o tipo de intenção, não podemos pender pro caricato. quer ver, tem uma coisa que dá pra mudar.

Maria Clara se levanta e vasculha os cantos.

MARIA CLARA: Alguém viu meu texto?

FELICIDADE: Eu realmente não acho que há problemas nessa cena...

Pedro Fagundes vai até o “espelho”. Maria Clara continua procurando o texto. Ao fundo, José dos Anjos permanece decorando.

PEDRO FAGUNDES: (Para Felicidade) O que foi?

FELICIDADE: A Maria voltou a tona aquela discussão que tivemos sobre o teor da cena 7, lembra?

PEDRO FAGUNDES: (tentando lembrar) cena 7...

FELICIDADE: Do romance.

PEDRO FAGUNDES: Ah! Lembro. (para Maria Clara) Relaxa Maria Clara.

JOSÉ DOS ANJOS: (Decorando em voz alta) “Quais são as diferenças do mundo humilde da favela para o mundo dourado da cidade?”

PEDRO FAGUNDES E FELICIDADE: (os corrigindo) “da arte”.

JOSÉ DOS ANJOS: Isso! (dá uns tapinhas na testa) da arte, da arte, da arte, da arte.

Batem na porta Todos olham. Escuta-se uma voz “ galera, atenção, se preparem...”

Os atores se juntam ao centro do camarim, se olham e apontam o braço ao centro da roda se olham e dizem:

TODOS: Merda!

A luz diminui.

CENA 7
(MELODRAMA)

Entra em cena um narrador, que fica de um lado da cena, no outro lado sentados em caixotes, compondo um quadro de família, está o trio: Coronel Pedro Fagundes, Dona Virgínia e Maria Clara.

1º NARRADOR: Vivia numa fazenda bem distante de São Paulo Capital uma família rica, íntegra e exemplar: O amado e respeitado Coronel Pedro Fagundes: Homem de quarenta e cinco anos, era enérgico e lépido. Era homem de ação. Não conhecia a tibieza, o que iniciava concluía. Dizia:

CORONEL: (para Dona Virgínia e Maria Clara) O homem indeciso não prospera, o homem não deve estacionar-se.

1º NARRADOR: Estava afastado do Exército, onde prestara inúmeros serviços, e pelos quais foi condecorado com a patente de Coronel: título que prezava e ostentava com orgulho. Ao seu lado, sempre, está sua mulher...

DONA VÍRGÍNIA: (com ar apaixonado) Ah! Meu coronel!

1º NARRADOR: ...Dona Virgínia. Ela gostava de ouvir o coronel falar. achava a voz dele acústica.

MARIA CLARA: (para si) O que será que tem o homem no pensamento de uma mulher? Será que o homem proporciona tanto prazer assim?

1º NARRADOR: Ah, Maria Clara. Filha única do casal... Ah, Maria Clara! Ela não conhecia as carícias masculinas...

MARIA CLARA: Pelo que vejo, a coisa de mais valor neste mundo é o homem.

1º NARRADOR: E um dia, o destino fez com que a pobre moça infeliz tornasse a se sentir uma moça feliz...

2º e o 3º narrador (Coronel e dona Virgínia) começam a mover o cenário. Os caixotes que serviam de banco agora passam a ser uma cama no centro da cena.

Maria Clara vai correndo até o 1º narrador (agora Dr Paulo Lemes) e o abraça, os dois se acariciam.

2º E 3º NARRADOR: E daquele dia em diante a vida dos Fagundes começava a se desmoronar.

No canto da cena, 2º e 3º narrador, voltando a ser Coronel e Dona Virginia, ficam no chão estáticos. O Coronel segura sua esposa que está em seu leito de morte. Luz baixa.

Dr. Paulo e Maria Clara estão com malas e vão até a cama feita de caixotes, que simboliza o quartinho de Paulo. Ao entrar, Maria Clara fica boquiaberta com a situação do quartinho.

MARIA CLARA: Onde estamos meu amor?

PAULO: É... essa é minha, minha... nossa casa meu amor. Mas não se preocupe, vamos enche-la de móveis.

Maria Clara demonstra nervosismo e preocupação.

MARIA CLARA: Casa? Isso não é uma casa. É um quarto minúsculo, Paulo! Meu amor, isso não tem graça... onde estamos?

Paulo dá um longo suspiro e reúne forças para dizer:

PAULO: Essa é minha casa.

MARIA CLARA: Meu Deus, então você é pobre? Meu Deus, pobre não presta! Não tem valor. Maria Clara senta na cama.

MARIA CLARA: Que espécie de homem é você? Então é esta a sua casa?

PAULO: É...

MARIA CLARA: Eu não fico aqui neste quartinho. O galinheiro de papai é mais confortável do que isto aqui. O papai estava com a razão. Ele não te conhece e disse que você não era grande coisa. O homem conhece outro homem. Eu não estou habituada com as preocupações da vida. Vou voltar!

Maria pega as malas e vai em direção a saída.

PAULO: Oh! Maria, não vai pelo amor de Deus! Se o teu pai souber que eu sou um João Ninguém, mata-me.

MARIA CLARA: Então você mentiu quando disse que é dentista?
Paulo consente com a cabeça.

Maria Clara num estado de nervosismo larga suas malas e corre em direção à Paulo.

MARIA CLARA: (batendo em Paulo) Seu mentiroso, eu te odeio, odeio, odeio! Você mentiu pra mim. Eu quero te matar... Ah, eu vou me matar!

Maria Clara se agacha e se derruba em lágrimas e soluços.

MARIA CLARA: Oh não! Não!!!

Paulo fica impaciente com o choro e anda de um lado pro outro.

MARIA CLARA: Como voltarei agora? com que cara eu retorno? E com que dinheiro?... Ah eu devia dar ouvidos ao papai e a mamãe. Os deixei sem compaixão. Eu não posso dar esse desgosto a eles, de ter casado com um homem pobre e sem emprego... o que eu fiz!

Maria Clara volta a chorar. Ao lado abre se uma luz onde estavam estáticos Coronel e Dona Virgínia. O Choro do coronel se mistura com o choro de Maria Clara.

CORONEL: Minha amada Virgínia, tenha forças, eu te suplico. A vida sem você e sem minha amada Maria Clara não será a mesma...

DONA VÍRGÍNIA: Oh meu amado coronel, quisera eu viver ao seu lado para todo o sempre, mas falta-me forças para viver, estou partindo e te peço, encontre a nossa filha...

Uma música começa a tocar. O 1º narrador (anteriormente Paulo) vai até o lado oposto da cena.

1º NARRADOR: (apontando para a cena) Retornemos a casa do coronel Pedro Fagundes Filho, após a fuga de sua filha. Dona Virgínia sofreu um desgosto profundo que alterou o ritmo do seu organismo.

CORONEL: Eu te prometo que acharei nossa menina. Eu rodarei toda a capital em busca de nossa menina...

O Coronel observa Dona Virgínia e sua respiração.

CORONEL: Virgínia! Virgínia!

1º NARRADOR: O coração não resistiu. Houve uma agitação interna provocando hemorragia.

CORONEL: Virgínia não me deixe! Oh não...

A Música aumenta. O Coronel fica aos prantos com a partida de sua amada.

Enquanto o coronel chora, ao fundo vai sendo montado com os caixotes um meia lua em volta de Maria Clara, que está sentada cabisbaixa. Os caixotes simbolizam os seus três filhos. A luz que ilumina Coronel e Virgínia vai diminuindo junto ao choro do viúvo. Dona Virgínia, agora 2º Narradora se coloca no canto oposto em que o 1º Narrador está. O Coronel fica ao centro, e

enquanto os narradores falam ele faz algumas ações como um jogo de viewpoints como se procurasse sua filha. Maria Clara continua ao fundo, estática.

1º NARRADOR: O coronel partiu decidido para a capital em busca da sua filha, e jurando vingar a morte de sua esposa. Segundo ele, Dr. Paulo é o culpado da morte de sua amada Virgínia. Ao chegar em São Paulo...

2º NARRADORA: ... Sabendo-o, que o seu genro jurava ser dentista, logo foi atrás de teatros, óperas e cinemas, pensava ele:

CORONEL: Se ele é mesmo rico, deve frequentar a alta sociedade.

2º NARRADORA: Mas não a encontrava...

1º NARRADOR: Afinal, Paulo era um pobre miserável.

2º NARRADORA: Percorreu todos os gabinetes dentários, para ver se encontrava Paulo e consequentemente sua filha, mas não encontrou.

1º NARRADOR: Afinal, nem dentista Paulo era.

Cançado, o Coronel pára no lado oposto de Maria Clara.

1º e 2º NARRADOR: (olhando-os) até que um dia, a vida uniu pai e filha novamente.

2º NARRADORA: (para o 1º Narrador) Anos se passaram. Nesse momento, Maria Clara já carregava 3 filhos, e buscava sustento para eles, sentada numa sarjeta localizada na esquina da Avenida Paulista com a Avenida Brigadeiro.

1º NARRADOR: (Para a 2º Narradora, debochado) E pensar que Maria Clara tinha receio de passar fome, e ficava horrorizada quando via as mulheres pobres vagando pelas ruas pedindo esmolas...

A luz nos narradores diminui.

Coronel, levemente esbaforido acende um cigarro e começa a tragar. Maria Clara está visivelmente fraca. Ela faz carinho nos seus filhos, que são simbolizados pelos caixotes.

MARIA CLARA: Se os ricos conhecessem a vida sacrificada que os pobres levam haviam de obrigar seus filhos a estudar e aprender uma profissão. Mas os ricos pensam que satisfeitos todos os caprichos de seus filhos já está completa suas felicidades na vida; agora, aqui nesse lugar, sem ter onde cair morta, chego à conclusão que os ricos não sabem criar seus filhos. Meu Deus! Que hei de fazer da minha vida!? Fico oscilando sem direção. Minha vida piora cada vez mais. Que provação hedionda.

Coronel avista a moça e as crianças sentadas, vai indo em direção a eles, e pega em seu bolso uma carteira.

CORONEL: (indo até eles) Não tolero este São Paulo com seus contrastes e confrontos. Uns ricos demais, outros pobres demais. E esta desigualdade fermenta uma revolta interior. Estas crianças já estão crescendo revoltadas porque veem os doces e os brinquedos que eles não podem ter. Eu sou um homem humano e desejo o bem para a humanidade, estas crianças serão infelizes no futuro.

Maria Clara percebe a presença de alguém e responde sem levantar a cabeça. Ela sente vergonha.

MARIA CLARA: Mas os filhos estimulam um pai ao trabalho. O filho é uma seta indicando um homem a lutar.

Coronel fuma enquanto olha para todo o canto em busca da filha.

CORONEL: E o teu esposo não trabalha?

MARIA CLARA: Não senhor!

O Coronel tira da carteira uma cédula de mil cruzeiros e coloca na mão de Maria Clara, que permanece cabisbaixa.

CORONEL: Com esse dinheiro compre o que quiser.

Ele olha o estado das crianças.

CORONEL: Peço que não deixe de comprar remédios para as crianças. Eu sei que um filho quando adoce deixa os pais desorientados. Compre carne para nutri-los, e faça uma sopa. O Coronel faz um carinho em uma das crianças e se prepara para ir embora...

MARIA CLARA: Eu não gosto de sopa.

O Coronel se recorda da filha e sorri.

CORONEL: A minha filha também não gostava. Às vezes eu e Virgínia insistíamos para ela tomar sopa e ela recusava.

Ao ouvir o nome Virgínia, Maria Clara se assusta e levanta a cabeça por completo, para reconhecer o senhor.

MARIA CLARA: Papai?

O coronel que já estava indo retorna e se aproxima de Maria Clara.

CORONEL: Minha filha?

Pega em seu rosto.

CORONEL: Minha filha. Meu amor!

Os dois se abraçam emocionados. Ao fundo a música que tocava no leito de Virginia volta a tocar. Coronel e Maria Clara continuam se abraçando e demonstrando felicidade.

A luz que ilumina o Coronel e Maria clara diminui, enquanto ao fundo ouve-se a música junto aos soluços e gritos de felicidade do pai e da filha.

Luz nos narradores.

1º NARRADOR: (para a plateia) E o que houve mesmo com o Paulo?

2º NARRADORA: (para a plateia) depois que o coronel acompanhou a filha até o barraco que ela residia, ao ver o Coronel, o susto do Paulo foi tão grande que ele teve um ataque do coração e morreu!

1º NARRADOR: (para a plateia) Ah sim!

Blackout.

CENA 8 (REPÓRTERES)

Flashes de câmeras. Muitos. Iluminação acompanha os sons. Projeção “Literatura não tem cor”.

Carolina entra por um lado; ela está com seu vestido de penas, colares de pérolas, acena para as pessoas, manda beijos. Três repórteres entram pelo lado oposto e começam a “entrevistá-la”.

REPÓRTER 1: Quando você vai lançar seu próximo diário?

CAROLINA: Meu próximo livro vai ser um romance, pretendo lançar ainda esse ano.

REPÓRTER 2: Ouvi dizer que esse romance irá ser ambientado em uma favela, você pode...

CAROLINA: (cortando) Não. Vai se passar na zona rural do interior de São Paulo.

REPÓRTER 1: Carolina, conta como é ser uma escritora favelada...

CAROLINA: (andando) Eu escrevia antes de chegar na favela, e estou escrevendo agora, depois que saí. O meu processo de escrita começa a partir...

REPÓRTER 2: (todos param) Mesmo com uma escrita tão simples, você consegue conferir muito bem o dia-a-dia do favelado.

CAROLINA: Eu estudei só dois anos. Mas todos os dias eu escrevo, desde quando eu era criança e vivia lá no interior de Minas Gerais.

REPÓRTER 1: É verdade que você vai se casar com o professor chileno?

CAROLINA: Não. Isso é fofoca do povo.

REPÓRTER 1: Quanto você ganhou pelo “Quarto de despejo”?

CAROLINA: (desconcertada) Desculpa, como é?

REPÓRTER 2: (reflexivo, para os outros repórteres) Eu também já passei fome. Foram vários os momentos que eu gostaria de poder ter comprado algo e não pude. (para Carolina) Você ainda passa fome?

CAROLINA: Hoje não mais, porém quando eu viv...

REPÓRTER 1: Como é pra você, apesar de ser negra e favelada, ter vencido na vida?

CAROLINA: (andando) Eu fico realizada em saber que...

REPÓRTER 3: (Com um lenço na mão) Carolina, você poderia colocar esse lenço pra gente fazer uma foto?

CAROLINA: Mas meu cabelo tá tão arrumado hoje, não acha?

Silêncio.

Os repórteres se olham.

Após o silêncio constrangedor, a repórter 3 vai até Carolina e retira o seu colar, depois coloca o lenço.

A repórter 3 tira uma foto.

REPÓRTER 1, 2 e 3: Ótimo, obrigado.

REPÓRTER 1: Quais são as diferenças do mundo humilde da favela para o mundo dourado da arte?

REPÓRTER 2: Você lutou tanto, batalhou muito catando todos aqueles papéis na rua, como arranja tempo pra escrever?

REPÓRTER 1: Você morava numa casinha na favela

REPÓRTER 2: numa rua sem nome,

REPÓRTER 1: de um único cômodo. Pobre.

REPÓRTER 2: A sala,

REPÓRTER 1: o quarto,

REPÓRTER 2: a cozinha,

REPÓRTER 1: tudo se confundia, num único cômodo.

REPÓRTER 2: Mesmo quando você não tinha pão para comer, você não acordava triste. Isso te tornava diferente dos outros favelados. Você vivia integralmente a miséria da favela. Como era isso para você?

REPÓRTER 3: Carolina, posso colocar esse livro na sua mão pra gente fazer uma foto?

Carolina não responde. Não está entendendo a situação.

Novamente, a repórter vai até Carolina e coloca um livro no seu braço, se afasta e tira uma foto.

REPÓRTER 1, 2 e 3: Ótimo, obrigado.

CAROLINA: (tentando andar) Eu gostaria de ler um pouco do meu novo romance pra vocês. Deixa-me procurar a parte que eu selecionei... (folheando o livro)

REPÓRTER 2: (todos param de andar) Você não acha que está perdendo a sua essência escrevendo sobre coisas fora da favela?

REPÓRTER 1: Não tem medo de voltar?

REPÓRTER 2: Pra favela.

REPÓRTER 1: Pra pobreza.

REPÓRTER 2: Pra rua.

REPÓRTER 1: Pro lixo.

REPÓRTER 2: Pra miséria.

REPÓRTER 1: Pro nada.

TEMPO

A repórter 3 se posiciona na frente de Carolina, e enquanto a mesma está quieta sem entender nada, tira mais uma foto.

CAROLINA: Eu já entendi as perguntas de vocês. Eu morei na favela. Morei sim. Por muitos e muitos anos. Eu catei papel. Andava por todas essas ruas procurando. Eu procurava papel. E encontrava comida e livros. Quando eu cheguei nessa cidade triste, não era nada do que eu imaginava. Até que um dia apoderou-se de mim um desejo de escrever. Sentei-me e escrevi. Não digam que eu fui rebotalho. Não digam que eu fui o resto. Digam que eu procurava trabalho. Mas fui sempre preterida.

Digam ao meu povo brasileiro que o meu sonho era ser escritora. Mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora. Digam isso aos brasileiros. E só isso.

TEMPO

REPÓRTER 1: Quando você vai lançar seu próximo diário?

REPÓRTER 2: Ouvi dizer que esse romance irá ser ambientado em uma favela!!!

REPÓRTER 3: Você poderia colocar esse lenço pra gente fazer uma foto?

A repórter 3 coloca o lenço em Carolina, que está completamente mudada do início da cena. Tira mais uma foto de Carolina.

Os 3 repórteres começam a se afastar de Carolina. Os sons de flash aumentam. Carolina está sozinha no centro. Semblante triste. A iluminação vai diminuindo.

Projeção “Literatura não tem cor”.

CENA 9

(3º APRESENTADORA)

APRESENTADORA: Estamos de volta com o *Brazil 2100*. Nesse último bloco tivemos essa cena brilhante com essas perguntas pra Carolina. E como tem gente sem noção, né? Impressionante. Sem muito blablabla, recebam aqui no palco novamente Maria Clara, José dos anjos e Pedro Fagundes.

Os três entram e se sentam.

APRESENTADORA: Olha, vocês hoje tão demais. Eu sabia que ia ser bom, mas não imaginava tudo isso.

A apresentadora aplaude. Só ela.

APRESENTADORA: A gente tem um quadro aqui no programa que é um sucesso, o público ama, interage, manda pergunta. Uma loucura. Vocês tão prontos?

JOSÉ DOS ANJOS: (meio nervoso/ansioso) Acho que sim, né?

MARIA CLARA: Tô com medo (ri)

PEDRO FAGUNDES: Que isso, gente, estamos prontos sim.

APRESENTADORA: (batendo na bancada fazendo um suspense) É claro que eu to falando do quadro “Você pergunta e eu respondo”.

Música animada de começo de quadro.

APRESENTADORA: Bom, o que é esse quadro? Pra vocês três que talvez não conheçam, porque eu sei que artista não assiste televisão, não tem tempo. Os nossos queridos telespectadores nos enviam áudios fazendo perguntas sobre temas variados, e os nossos convidados respondem. Molezinha, vai?

MARIA CLARA: O Pedro vai adorar, ele ama falar (ri).

PEDRO FAGUNDES: Olha quem fala.

APRESENTADORA: Mas a gente não faz esse quadro aqui, a gente faz ali (aponta para o centro do palco).

Os três convidados pegam seus assentos e se posicionam no meio do palco, lado a lado.

APRESENTADORA: Então, agora que os nossos convidados entenderam o quadro, vamos pra primeira pergunta? Pode soltar, diretor.

Áudio 1 toca com uma pergunta:

Pergunta: (a voz um pouco baixa) Tá gravando? Tá gravando? Tá bom, vai pra lá. Oi, convidados. Bom, a minha pergunta na verdade é mais um desabafo. Eu tenho um filho de 18 anos, e já faz um tempo que ele tem tido alguns comportamentos estranhos. Ele tá passando muito tempo na casa de um colega dele, um dia desses eu vi ele olhando pra um rapaz que tava passando na rua. Eu queria saber como faço descobrir se meu filho é g...

APRESENTADORA: (interrompendo o áudio) Opa, opa. para o áudio, para. (para o público) Programa ao vivo é assim mesmo, entra áudio que não deve, na hora errada. Quem escolheu esse? Deixa pra lá. (como se falasse com a produção) A gente tem outro? Ótimo! Acabei de ser informada que tivemos um probleminha com o primeiro áudio, já foi resolvido. Pode soltar, diretor.

Os três se olham constrangidos.

A luz vai baixando conforme o áudio vai passando.

Pergunta: Oi convidados, oi brazil 2100. Espero que escutem o áudio. Eu fiquei sabendo que aquele grupo de teatro vai ao programa apresentar as cenas da peça deles. Eu já vi essa peça umas 3 vezes, sou muito fã. Tem uma coisa na peça que eu fiquei em dúvida, e depois fui ler o

livro da Carolina. Tem uma passagem que ela diz “Mas eu não quero homem porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever.” No diário ela relata várias vezes que não tem marido, e que não pretende casar. E depois eu li um pouco sobre a morte dela, e que ela morreu sozinha. Eu sei que hoje as coisas tão bem diferentes, mas será que pra época não teria sido melhor ela ter se casado? É isso, eu espero muito que me respondam.”

A luz do programa volta. Todos em silêncio.

APRESENTADORA: É, realmente é uma baita pergunta. Eu entendo completamente, pra época ela podia ter arrumado alguém, nem que fosse um namoradinho.

MARIA CLARA: Ela teve alguns relacionamentos, só que nenhum vingou.

APRESENTADORA: Claro, claro. Ela parecia ser uma pessoa de opinião forte. Imagino que muitos homens também não gostariam de uma mulher assim.

PEDRO FAGUNDES: Assim como?

APRESENTADORA: Calma, eu tô do lado das mulheres sempre. Mas imagina gente, nas condições em que ela morava, no lugar que ela morava, um namorado ou marido cairia bem. Ajudaria ela até arrumar um emprego.

JOSÉ DOS ANJOS: Ela teve alguns empregos, inclusive comenta sobre isso nos livros dela. Ela estava focada na verdadeira paixão, que era a escrita.

APRESENTADORA: Mas a escrita não botava a comida na mesa, e a gente sabe bem disso. Maria Clara, você tem um namorado. Deve concordar que a Carolina também merecia um, né?

MARIA CLARA: Acho que não tem a ver com mérito. Tem a ver com querer. E ela não queria.

PEDRO FAGUNDES: A gente pode falar da próxima cena?

MARIA CLARA: Fala aí, Zé. Você que escreveu essa.

JOSÉ DOS ANJOS: Então, pra essa próxima cena a gente quis falar da relação da Carolina com os...

APRESENTADORA: (lendo na ficha) “A atriz Maria Clara Basqui disse em recente entrevista que não se imagina mais sozinha pois encontrou o seu grande amor.” Contraditório, não? Falar que a Carolina não queria e que podia ser uma mulher sozinha, quando você tem namorado, Maria.

JOSÉ DOS ANJOS: Bem, como eu estava falando, a cena foi uma criação conjun...

MARIA CLARA: Isso é mentira, tiraram a minha fala de contexto.

APRESENTADORA: Com certeza.

A música do cigano começa a tocar. A luz vai diminuindo. Os atores então começam a preparar o cenário para a próxima cena.

CENA 10
(AMORES DE CAROLINA)

Nos dois ambientes Carolina arruma as coisas de sua casa/escreve enquanto ouve o rádio. As cenas acontecem simultaneamente, enquanto tem fala em uma, tem ação na outra.

CENA - CIGANO

Carolina está em seu barraco, sentada na cama.

NARRADORA 1: Eu fui na casa de um cigano que reside aqui. Condoeu-me vê-los dormindo no solo. Disse-lhe para vir no meu barracão a noite que eu ia dar-lhe duas camas. Se ele fosse durante o dia as mulheres iam transmitindo a novidade, porque aqui tudo é novidade. Quando a noite surgiu, ele veio.

Batem na porta. Carolina vai se arrumar.

CENA - PAI DE VERA:

Batem na porta.

Carolina está sentada em uma roda com quatro caixotes (simbolizando os filhos)

NARRADORA 2: Eu estava ensinando contas para os filhos quando bateram na porta. O João correu pra ver, era o pai da Vera.

CAROLINA 1 E 2: Entra!

PAI DE VERA: Por onde entra aqui?

CAROLINA: Dá a volta.

O Pai de Vera entra e perpassa o olhar pelo barracão.

PAI DE VERA: Você não sente frio aqui? Isto aqui não chove?

CAROLINA: Chove, mas eu vou tolerando.

PAI DE VERA: Você me escreveu que a menina estava doente, eu vim visitá-la.

CENA - CIGANO:

Carolina está em pé. Ao fundo uma música. O cigano está sentado na cama e toca uma meia lua.

CIGANO: Eu quero me estabelecer, sabe? Porque eu quero colocar os meus filhos na escola.

NARRADORA 1: O cigano me disse que é viúvo!

O cigano se levanta e abraça Carolina.

CIGANO: Carolina... Eu gosto muito de você. Quer viver comigo?... Quer casar comigo?

O Cigano beija a mão de Carolina. Carolina sorri... depois vai até um canto e volta com uma sacola na mão.

CAROLINA: Pra você! Doces e roupas para o seu filho.

O cigano tira um embrulho da sua bolsa.

CIGANO: Pra você! Pimenta e perfumes.

começam a cochichar e rir.

NARRADORA 1: A nossa palestra foi sobre arte e música.

Dançam.

CENA – PAI DE VERA.

Carolina e o pai de Vera estão sentados na mesa em silêncio. Carolina lê, o pai de Vera fuma.

NARRADORA 2: O pai da Vera deu dinheiro aos meus filhos e eles foram comprar balas. Nós ficamos sozinhos. Quando os meninos voltaram a Vera disse que quer ser pianista. Ele sorriu:

PAI DE VERA: (sorrindo) Então você quer ser grã-fina.

NARRADORA 2: Ele sorriu porque os filhos dele são músicos.

CENA – CIGANO

Enquanto dançam.

CIGANO: Carolina, casa comigo e te retiro da favela.

CAROLINA: ...Não me adapto a andar nas caravanas.

CIGANO: A existência andarilha é poética. O amor de cigano é imenso igual o mar. É quente igual o sol.

O Cigano beija Carolina e sai. [saída simultânea a do pai de Vera]

NARRADORA 1: Contemplei a sua boca adornada de ouro e platina.

CENA – PAI DE VERA

[pai de Vera dá dinheiro a Carolina e sai]

NARRADORA 2: Quando o pai da Vera saiu eu fiquei nervosa. Depois cantei e fui comprar pão para os filhos. Ele deu 100 cruzeiros. O José Carlos achou pouco, porque ele estava com notas de 1.000.

Juntas, Carolina 1 e 2 cantarola um trecho de “Quem Assim Me Vê Cantando”

Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz

Vai, vai e não voltes nunca mais

Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz

Vai, vai e não voltes nunca mais

Carolina/narradora 2 começa a sussurrar a melodia da música.

CENA – CIGANO.

NARRADORA 1: Entre eu e o cigano existe uma atração espiritual. Ele não queria sair do meu barraco. E se eu pudesse não lhe deixava sair.

CENA – PAI DE VERA

Narradora 1 murmura a música e depois dialoga com a Narradora 2.

NARRADORA 2: ...Eu estou cansada e enojada da favela. Estou passando tantos apuros. O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. E se eu fosse uma destas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo?

NARRADORA 1: “Dá dinheiro para a tua filha!”.

NARRADORA 2: É por isso que as mulheres na fila da pensão falam mal dos esposos e dão a eles nomes de animais:

NARRADORA 1: “O meu é um cavalo bruto e ordinário” Narradora 2: “E o meu é um burro. Aquele desgraçado” [se olham e riem]

CENA – CIGANO.

Carolina anda de um lado pro outro, dobra roupas, varre o chão. Está agitada.

NARRADORA 1: ...Não estou gostando do meu estado espiritual. Não gosto da minha mente inquieta. O cigano está perturbando-me. Mas eu vou dominar esta simpatia. Já percebi que ele quando me vê fica alegre. E eu também. Eu tenho a impressão que eu sou um pé de sapato e que

só agora é que encontrei o outro pé. Parece que este cigano quer hospedar-se no meu coração. Se regredir, eu vou sofrer. O nome dele é Raimundo. Nasceu na capital da Bahia. Mas não usa peixeira. Ele parece o Castro Alves. Suas sobranceiras unem-se.

Batem na porta. Carolina suspira de felicidade.

NARRADORA 1: (Para narradora 2) É o Cigano!

CENA – PAI DE VERA

Batem na porta. Carolina suspira com desânimo.

NARRADORA 2: (Para narradora 1) É o pai da Vera!

O Pai de Vera entra. Na outra cena, o Cigano também entra e cumprimenta Carolina e mostra seus escritos para o Cigano, ele a acaricia.

NARRADORA 2: A Vera sorria para ele. Eu é que não fiquei feliz com a tal visita.

PAI DE VERA: não consegui levar o dinheiro lá no Juiz. Não tive tempo.

CAROLINA: Olha os sapatos da Vera. Estão furados e a água penetra.

PAI DE VERA: Quanto pagou nisto?

CAROLINA: 240.

PAI DE VERA: É caro.

Ele tira dinheiro do bolso e entrega a Carolina.

PAI DE VERA: Aqui. 120 cruzeiros... E mais 20, pra cada um deles. Obrigado por não revelar meu nome no seu diário.

O pai de Vera sai.

NARRADORA 2: Dei graças a Deus quando ele se despediu. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher.

CENA – CIGANO.

Carolina e o cigano estão sentados, ouvindo o rádio.

CIGANO: Carolina, você é sozinha?

CAROLINA: Eu tenho uma vida confusa igual um quebra-cabeça.

CIGANO: Eu decidi que vou embora pra casa. Se um dia a favela acabar, me procura.

O Cigano se despede dando um beijo em Carolina.

NARRADORA 1: Ele fez o mesmo convite a Rosalina. Eu não apreciei. Não foi egoísmo. Foi

ciúmes.

Carolina 2 está escrevendo.

NARRADORA 1: Ele não estaciona. É o seu sangue cigano. Se algum dia este homem for meu, hei de prendê-lo ao meu lado. Quero apresentar-lhe o mundo de outra forma. Ele insiste em me oferecer a vida andarilha.

CAROLINA 1 E 2: Era só o que me faltava, depois de velha virar cigana.

Começa a tocar a música “Quem Assim Me Vê Cantando”. Enquanto cantam, os atores e atrizes vão transicionando o cenário para a próxima cena. Ao fim a placa branca vai sendo colocada no centro do palco e a sua frente são colocadas cadeiras, formando uma fileira, para a cena seguinte.

“Quem Assim Me Vê Cantando”

[todos cantam]

Carolina 1 e Cigano:

*Quem assim me vê cantando
Pensará que sou feliz
Eu levo a vida pensando
No homem que não me quis*

*Ensinou-me a gostar dele
E disse minha alma é tua
Quando viu que eu lhe amava
Mostrou-me a porta da rua*

Coro:

*Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz
Vai, vai e não voltes nunca mais*

*Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz
Vai, vai e não voltes nunca mais*

Carolina 2 e Pai de Vera:

*Foi tão grande a minha dor
Eu perdi toda a ilusão
Nem todos merecem amor
Quando vem do coração*

*Não sabes tu como eu fico
Tristonha e desiludida
Este amor que eu te dedico
E não ser correspondida*

Coro:

*Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz
Vai, vai e não voltes nunca mais*

*Vai, vai, vai-se embora, me deixa em paz
Vai, vai e não voltes nunca mais*

BLACKOUT.

Os atores saem de cena. Som de chuva.

CENA 11

(MÃE - OLHOS D'ÁGUA)

1: Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca.

TODOS: De que cor eram os olhos de minha mãe?

1: Atordoado, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando.

TODOS: De que cor eram os olhos de minha mãe?

2: Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

3: Sendo a primeira de quatro filhos, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos.

4: Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela.

2: Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo...

1: da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela...

4: Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa- passa das roupas alheias e se tornava uma grande boneca negra para os filhos, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem.

TODOS: Mas de que cor eram os olhos dela?

2: Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida.

3: E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com os filhos. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha.

1: Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo.

3: E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas e príncipes, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado..., mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

4: Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu.

2: Um viravam carneirinhos;

3: outras, cachorrinhos

4: E havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também.

TODOS: Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

1: Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza.

2: Chovia,

1: chorava!

3: Chorava,

4: chovia!

1: Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

2: E naquela noite a pergunta continuava me atormentando.

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e meus irmãos tinham ficado para trás.

TODOS: Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

3: E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

4: Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe.

TEMPO

TODOS: Sabem o que vi?

TEMPO

TODOS: Sabem o que vi?

A melodia da música de Luedji Luna começa a ser tocada.

2: Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi.

1: Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.

TODOS: Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas dela se misturarem às minhas.

BLACKOUT.

A melodia continua até que começará a ser tocado o áudio do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” de Conceição Evaristo.

CENA 12

(4º APRESENTADOR)

O programa está off, luz baixa. Ao lado da mesa do apresentador está somente um banco. O apresentador está sentado sobre a mesa. Ele fala com alguém da coxia.

APRESENTADOR: ...Então é isso. Eu acho que tem que ser feito dessa forma, entendeu? Não tá rendendo. Não tá. Arrumem uma desculpa qualquer e aí liberamos eles. Eu também já acho que deu o que tinha que dar. Vão, vão.

Pedro Fagundes entra em cena segurando um livro. O apresentador suspira como se não o quisesse ali.

PEDRO FAGUNDES: Oi, aproveitei pra correr aqui enquanto não volta ao ar, pra te pedir uma coisa... Eu sei que não tava combinado, e tudo mais, mas você poderia por gentileza me dar espaço pra falar desse meu trabalho? Será super rápido! Eu publico ele na próxima semana e então eu...

APRESENTADOR: Então, é como vou dizer isso... Eu estava até comentando sobre a participação de vocês agora a pouco, e... Foi uma delícia o papo, as cenas, mas é que vamos ter que interromper por (procura as palavras pra falar)... audiência atípica, sabe?

PEDRO FAGUNDES: Como assim interromper? Ainda temos uma cena pra mostrar e...

APRESENTADOR: Não, mas aí já nem precisa, sabe? Foi realmente tudo de muito bom gosto o que apresentaram, só que estamos perdendo para o canal concorrente e a nossa política é ter sempre um plano B.

PEDRO FAGUNDES: (sem entender) Como assim. Qual plano B? Não acho justo ficarmos sem apresentar essa última cena, é tão importante para...

APRESENTADOR: Eu no fundo do meu coração também não acho justo... Ah e o plano B é ótimo, vocês vão ver... lá do camarim, tá? Acabamos de fechar com uma grande estrela em ascensão: Annie de Palma. A nossa nova Clarice Lispector, né? (suspira contente)...

Pedro Fagundes demonstra descontentamento, Ele senta no único banco restante. Maria Clara e Felicidade entram em cena.

MARIA CLARA: (Para o apresentador) O que tá havendo nos bastidores, tá uma correria? Ah, e antes de voltarmos ao ar, eu precisaria muito de uma água.

APRESENTADOR: Água? (resmungando para o lado) Era só o que me faltava! agora virei criado.

Felicidade estranha o cenário do programa.

FELICIDADE: Gente, que estranho... cadê os bancos?

APRESENTADOR: Brancos?

PEDRO FAGUNDES: Não vai precisar. Encerraram a nossa participação...

FELICIDADE: O que?

MARIA CLARA: Como assim?

APRESENTADOR: Não é bem “encerraram”, interromperam por problemas internos.

FELICIDADE: Quais?

PEDRO FAGUNDES: (debochado) Audiência atípica...

APRESENTADOR: Eu realmente não tenho o que fazer, e também não dá pra voltar atrás, a Annie já está no estúdio.

MARIA CLARA: A Annie de Palma vem? Não nos avisaram... E quanto a próxima cena? a gente combinou apresentar todas as...

APRESENTADOR: É eu sei, eu sei... Eu sinto muito...

Silêncio. O Apresentador fica reflexivo, em seguida tem uma ideia.

APRESENTADOR: Olha, eu acho que a gente pode TENTAR resolver. Vocês têm algum furo? algo polêmico da vida de vocês? Talvez conseguimos fazer algo que chame a atenção.

FELICIDADE: Não temos!

PEDRO FAGUNDES: Viemos pra falar sobre o nosso trabalho.

APRESENTADOR: Sim, sim. É que acho que já deu pra galera ver, sabe? Foi lindo. Carolina! Que mulher!

Os convidados olham o apresentador.

Silêncio. O apresentador tem uma ideia. Começa a ler as fichas do programa.

APRESENTADOR: Vamos ver, talvez a gente possa trazer algo polêmico da Carolina, fingir para o público que é algo de vocês, sei lá, licença poética... Vamos ver o que temos aqui.

Os convidados se olham desconfortáveis.

APRESENTADOR: (procurando e falando consigo mesmo) “Quarto de Despejo”, não... “Casa de Alvenaria”... “Pedaços da Fome”. Hum, é um bom nome, será que tem algo aqui? Tem tanta coisa da Carolina aqui, deve ter algo interessante, ‘Quarto de Despejo’, esse em francês, olha só...

VOZ DA PRODUÇÃO: Atenção pessoal, vamos liberando o set, voltamos em breve...

Todos olham pra coxia. Os convidados se alteram.

MARIA CLARA: Olha me desculpe, mas eu não acho justo que isso aconteça. Vocês vão simplesmente nos chutar, assim? Ainda tínhamos uma cena muito importante...

APRESENTADOR: (sem jeito e levemente bravo) Não minha querida, não é chutar...

Outra ideia.

APRESENTADOR: Tá bom, me mostrem a cena, sejam rápidos.

PEDRO FAGUNDES: Como assim?

APRESENTADOR: A cena que estava faltando. Quero ver antes de voltarmos. Vou me distanciar, serei público.

Os convidados se juntam e cochicham decidindo se mostrarão ou não.

APRESENTADOR: (saindo pra coxia) Mostrem, não temos muito tempo.

Os atores vão para o fundo do palco.

Blackout.

Os atores movem o cenário, levam as placas para a coxia, e ao fundo colocam uma escada para a cena da política.

CENA 13 (Política)

Entra em cena um narrador.

NARRADOR: Finalmente chegou o tão esperado dia. O dia em que nós voltaremos a sorrir novamente. O dia do casamento. Foram longos 4 anos esperando por esse dia. A gente já não aguentava mais de tanta ansiedade. Mas isso acaba hoje. De um lado, a gente tem ele sofrido, com um aspecto cansado, já quase desistindo mas não desiste, batalhador: POVO.

Aponta para o lado onde uma luz ilumina o POVO.

NARRADOR: Do outro lado, nós temos ele: pomposo, airoso, inteligente, com um aspecto sempre juvenil devido às intervenções cirúrgicas como harmonização fácil, bichectomia, Lifting, lipo hd (suspira cansado) POLÍTICO.

Aponta para o lado onde uma luz ilumina o POLÍTICO.

NARRADOR: A história desses dois não é de hoje. Ela já tem anos e anos. Mas parece que dessa vez engata. Ele (aponta para o político) tem feito promessas e promessas, disse que agora vai ser fiel e cumprir todas. E ele (aponta para o povo) tem acreditado em todas as promessas, disse que agora vai se comportar, não vai mais fazer protesto, postar textão na internet, fazer greve, intervenção, nada. Como eu disse, a história desses dois já passou por altos e baixos...às vezes mais baixos do que altos. Mas qual namoro não é assim? Por muitos e muitos ele disse...

Enquanto o povo fala, o político do outro lado da cena vai encenando as ações ditas.

POVO: ...Quem nos protege é o povo. Os políticos só aparecem aqui em épocas eleitorais. Teve um que vinha sempre aqui na comunidade, passava os domingos com a gente. Ele era tão mas tão agradável. Tomava o nosso café. Bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas palavras de veludo.

POLÍTICO: (com nojo) Que cafezinho do bom esse, viu. Me lembra o da minha vó. Eu prometo que se for eleito...

POVO: Ele brincava com as crianças. Jogava bola no campinho. Dava casinha de boneca pro pessoal. Até que foi eleito deputado. Na câmara dos deputados ele não criou um projeto pra nos beneficiar. Parou de visitar a gente.

NARRADOR: Isso foi há 4 anos. Hoje as coisas tão mudadas por aqui. Hoje vai ter casamento. E vai ser grande. O político mandou convidar todo mundo; familiares, padre, pastor, general, sargento... a imprensa ainda não foi convidada, mas eu sei que vai. Recentemente ele, o político, voltou aqui na comunidade e com novas promessas...

POLÍTICO: (acenando) Eu prometo que se for eleito eu vou congelar todos os preços. A fome pra mim é prioridade zero. Esse é um assunto basilar no meu governo. Não podemos tolerar isso jamais. Um país como o nosso tem que prosperar. E a gente só faz isso erradicando de vez com a fome.

Pega um pastel e dá uma mordida. Tenta segurar o nojo.

POVO: Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida, pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Mas dessa vez eu acredito nele. Parece que mudou de verdade, e pra melhor.

NARRADOR: Então bora começar esse casamento que já tá todo mundo ansioso.

A música nupcial começa a tocar, o narrador começa a cantar “Zé do caroço”.

NARRADOR: E o zé bota a boca no mundo
Ele que faz um discurso profundo
Ele que ver o bem da favela
É que o zé bota a boca no mundo
É que faz um discurso profundo
Ele que ver o bem da favela

Durante a música, o político e o povo vão se dirigindo ao meio para se encontrar. Eles se olham carinhosamente. E vão seguindo, juntos, para o fundo do palco. Se posicionam na frente de um padre que está em cima de uma estrutura.

PADRE: Após anos de espera, por fim é chegado esse dia tão aguardado por todos e todas. aqui na minha frente eu tenho duas pessoas que estão dispostas a deixar de lado todas as diferenças, todas as desavenças, em prol de um bem maior. Essa união que estamos presenciando hoje será benéfica não só para os dois, mas para toda uma sociedade que ansiava por esse momento. Então eu pergunto, você, político, aceita se casar com o povo, ser fiel, respeitar, cumprir as promessas, ouvir, dialogar, entender?

POLÍTICO: Aceito!

PADRE: E você, povo, aceita se casar com o político e parar de protestar, parar de pedir greve, parar com os textões no twitter, dialogar, entender?

POVO: Aceito!

PADRE: Com os poderes concedidos a mim pela instituição brasileira de padres e pastores realizadores de casamento eu vos declaro...casados.

Música animada. O narrador joga arroz (ou algo do tipo) no casal. Político e Povo se abraçam, felizes. O político pega o povo no colo, posiciona o povo no chão, dá um beijo na testa e sai. O áudio do “nego drama” começa a tocar (Entre 2:25: e 2:40) depois só o instrumental. O restante da cena é feito com o instrumental de fundo.

CORO: Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra.

POVO: Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe. “Porque a senhora não faz eu virar homem?” Ela dizia: “Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem”. Será que um dia alguém será capaz de fazer um Brasil para os brasileiros?

NARRADOR: Esse casamento teve a mesma duração dos outros. Quase nada. Mas ele, o povo, tenta não se abalar. Tenta olhar pra frente. Ele costuma dizer...

POVO: ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Hoje a minha vida não é mais a mesma. Não passo pelas dificuldades que era acostumada a passar. Mas sei bem como as coisas são. Como a fome é. Já olhei no olho dela, e ela me olhou de volta.

Pablo, que fez o padre, entra em cena novamente.

PABLO: Você deve tá pensando “O que você tem a ver com isso?” Desde o início, por ouro e prata olha quem morre, então veja você quem mata. Hoje ele, o povo, morre mais uma vez. E eu carrego em mim um trauma. Um trauma de não ser mais preto fudido. Não carrego sozinho, compartilho com milhões de pessoas, alguns estão aqui hoje.

NARRADOR: Um dia, quem sabe, esse casamento consiga ser bem sucedido. Mas é preciso um compromisso. Um compromisso nosso.

Lorena, que fez o político, entra em cena novamente.

Lorena: O povo não deve cansar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo.

Lorena, Narrador e Pablo: (cantando) Lelelelê

lelelelelelelelelê

Lelelelê lelelelelelelelelê

POVO: (enquanto os outros cantam) Agora, ele vai poder voltar a dormir na sua gaiola de ouro. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contemplam as aves nas gaiolas. E o povo são os gatos...

Param de cantar bruscamente.

POVO: Tem fome.

A luz vai diminuindo conforme o coro vai cantando.

CORO: Está nascendo um novo líder

No morro do Pau da Bandeira

Está nascendo um novo líder

No morro do Pau da Bandeira

O Apresentador volta batendo pouquíssimas palmas, demonstrando desânimo. os convidados os olham.

APRESENTADOR: Olha... eu gostei... legal, mas... Eu realmente sinto muito. Política? sem chance. Eu preciso voltar.

PRODUÇÃO: Voltando em 5,4,3,2,1.

O programa retorna, música da vinheta. No momento em que o apresentador se despede, ao fundo os convidados vão saindo de cena, olhando sem acreditar no que está acontecendo.

APRESENTADOR: Voltamos! E ATENÇÃO pessoal! Eu preciso dizer que estamos em êxtase com a convidada deste bloco, eu soube agorinha. (para os convidados) queridíssimos vocês, foi prazer recebê-los... Senhoras e senhores, eu estou falando da grandiosa atriz e escritora Annie de Palma!!!

CENA 14

(FINAL - SALVE CAROLINA!)

CENA 14 (FINAL - SALVE CAROLINA!)

CAMARIM. Enquanto o apresentador deixa o programa, Maria Clara, Felicidade e Pedro Fagundes entram com o “cenário” do camarim.

Maria Clara: (entrando) Não acredito que fizeram isso...

Pedro Fagundes: (com o livro na mão) Faltava tão pouco...E eu nem consegui mostrar meu livro.

Maria Clara: Você esqueceu a música do Narrador, né?

Pedro Fagundes: Qual?

Maria Clara: Você não cantava Zé do carçoço?

Felicidade: (entrando) Verdade, por que não cantou hoje?

Pedro Fagundes: Eu não canto mais, lembram? Tiramos no último ensaio.

Maria Clara e Felicidade: Ah, verdade.

Felicidade: Era só uma cena, não custava nada.

Maria Clara: (olhando para os lados para ver se não tem ninguém) Mas esse apresentador também, né? Sem condições.

Pedro Fagundes: O que foi ele pegando no meu cabelo?

Felicidade: E falando do meu vestido...

Maria Clara: E do meu namorado...

Felicidade: A coreografia ficou melhor hoje, não acharam?

Pedro Fagundes: Ficou mesmo...Maria, pega pra mim aquele texto? Vou colocar na caixa.

Maria Clara pega um texto da peça e entrega para Pedro.

José dos Anjos: (entrando) Pessoal, eles falaram que temos que liberar o camarim em 5 minutos.

Maria Clara: Quanto desrespeito...

José dos Anjos: Nem sabia que a Annie vinha. Fui tentar conversar com ela ali no corredor e nem deixaram.

Felicidade: (com um texto na mão) Vocês lembram daquele poema da Conceição que a gente queria ter colocado no começo? Por que não colocamos mesmo?

Pedro Fagundes: A gente achou melhor deixar só o da Carolina...

José dos Anjos: Eu acho que poderíamos colocar ainda...

Maria Clara: Concordo. Vocês viram meu celular?

Felicidade: Eu tinha colocado na caixa.

Felicidade vai até a caixa e pega o celular de Maria.

Felicidade: Aqui.

Maria Clara começa a mexer no celular.

Maria Clara: Gente, olha essas fotos dela...

Felicidade, José dos Anjos e Pedro Fagundes vão se aproximando de Maria Clara e olham para o celular.

Pedro Fagundes: Ela tá linda nessa.

José dos Anjos: O chapéu ficou parecido mesmo!!

Felicidade: Ela e os filhos. Amo essa foto.

Maria Clara: Vocês lembram dessa? Foi daqui que saiu a inspiração pra última cena.

TEMPO

Pedro Fagundes: (se preparando) Eu vou fazer, hein.

José dos Anjos: Não, agora não.

Maria Clara: Pedro, por favor. Sem clima!

Pedro Fagundes: (começando a cena) Olhando para o céu

Felicidade: (para si) Ele vai fazer...

Maria Clara: (tomando coragem) Como quem busca inspiração para a escrita

José dos Anjos: Carolina está sentada na praça com um caderno no colo

Os três olham pra trás na espera de Felicidade que está receosa. Depois de um tempo...

Felicidade: (tímida) E um lápis na mão

Todos sorriem.

Maria Clara: Ela está com um vestido de penas

Pedro Fagundes: Um colar de pérolas

José dos Anjos: Um chapéu de lantejoulas

Felicidade: E com os pés descalços.

Maria Clara: Sua saia se assemelha a folhas de papel dispostas uma ao lado da outra.

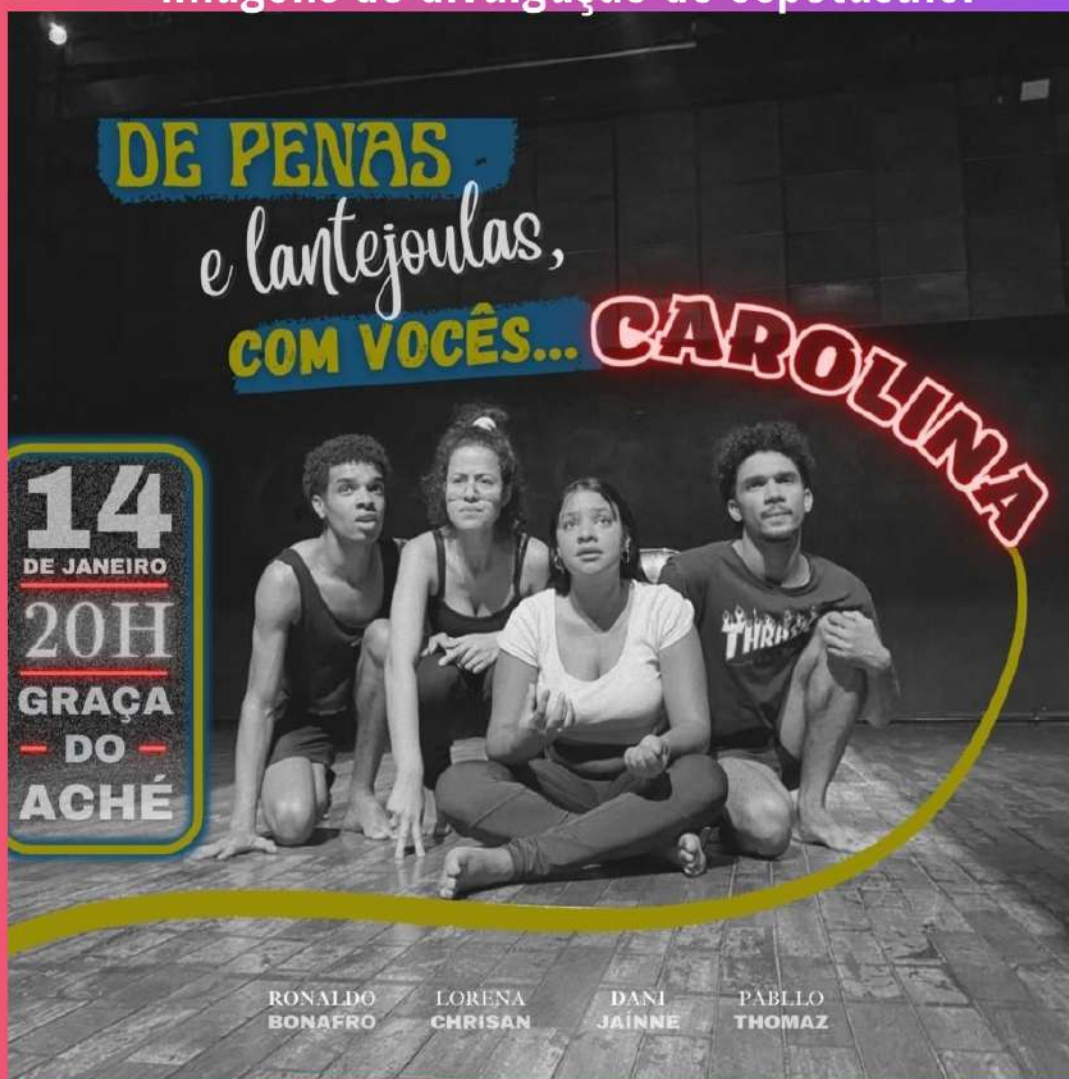
Pedro Fagundes: Ao olhar com atenção é possível identificar alguns escritos nela.

Todos: De tanto se dedicar às palavras, Carolina Maria de Jesus tornou-se livro.

Os atores então se viram para o telão. Um vídeo de Carolina Maria de Jesus começa a passar. Os atores assistem o vídeo de mãos dadas



ANEXOS



UM OLHAR PARA O FUTURO QUE REENCENA O PASSADO AINDA TÃO PRESENTE. A MONTAGEM É UMA CRIAÇÃO COLABORATIVA A PARTIR DA PESQUISA SOBRE A VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

DRAMATURGIA:

RONALDO BONAFRO
PABLO THOMAZ

SONOPLASTIA:

MATHEUS GOTTI

ELENCO:

DANI JAÍNNE
LORENA CHRISAN
PABLO THOMAZ
RONALDO BONAFRO

ILUMINAÇÃO:

JOÃO D'.MARQUÊS

CRIAÇÃO E DIREÇÃO:

COLETIVA

FIGURINO:

EFFIT
MATHEUS HENRIQUE
FLÁVIO ARCIOLE
LÉTZ PINHEIRO
ANGELINA AGGELOS

ORIENTAÇÃO:

MARA LEAL

APOIO TÉCNICO

E VOZ OFF:

LUIZ FERNANDO

PREPARAÇÃO VOCAL:

NATANIA BORGES

PRODUÇÃO:

RONALDO BONAFRO
E PABLO THOMAZ

COREOGRAFIA:

ANA CAROLINA TANNÚS (NINA)

AGRADECIMENTOS

DÉBORAH RODRIGUES
GEO DIAS

JANAÍNA SILVA
LARISSA ANDRADE

JOÃO BUSON
JOÃO VICTOR THOMAZ

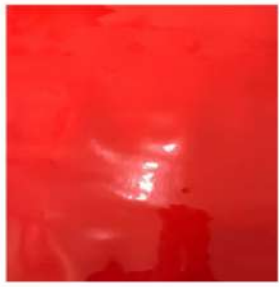


Parte do processo de pintura do cenário.
Outubro de 2022.



Desenhos criados por João Buson para o cenário.





Croquis dos figurinos feitos por Effit.





Fotos do espetáculo por Júlia Selva.

